

LIVRE

DONA PATINHA VAI SER "MISS"

PRIMEIRO ATO

(Quando o pano sobe, Dona Marreca está entrando em cena, cantarolando e dançando, com uma moedinha na mão).

MARRECA — Li, lá, lá, ri, lá, lá... Até que enfim! Aqui está a última moeda que faltava para completar o dote de Patinha. (Põe a moeda no cofre) Com êste dote, mais o título de "miss" que ela vai conseguir, ela poderá fazer um bom casamento. Durante um mês inteirinho os vizinhos não irão comentar outra coisa! Lá, rá, lá, ri, lá, ri, ri, rá...

PATINHA (Entrando, dando os últimos retoques nos cabelos e na roupa) — Titia, o Coelhoinho já chegou?

MARRECA (Enérgica) — Não sei o que êsse Coelhoinho perdeu dentro desta casa. Não sai daqui. É o dia inteirinho num vai e vem que não pára. Êle e aquêle amigo dêle, o Macaco. E eu não gosto de "gentinha" dentro de casa.

PATINHA (Indignada) — O Coelhoinho não é gentinha: é um artista. Um dia, êle ainda há de ser muito famoso. E quanto ao Macaco é uma boa pessoa, bom amigo, tem exelente conversa...

MARRECA — Fala aos gritos... onde já se viu!

PATINHA — Ê o jeito dêle...

MARRECA — Gentinha! Êle e êsse Coelhoinho que está sempre com cara de quem esqueceu alguma coisa.

PATINHA — O que não faz diferença pra mim, porque é dêle que eu gosto.

MARRECA — Não diga bobagens, menina! Aí, que eu vou ter um siricotico! (Dramática) Tantos sacrifícios que eu fiz para dar uma educação esmerada a esta menina. Os cursos que ela tem!... datilografia, corte-e-costura, culinária, bordados... — faz "frivolité" di-vina-men-te! — Pra no fim de tudo se casar com um... com um... com um artista! (Definitiva) E quando você fôr "miss"...

PATINHA — Não quero ser "miss" de coisa nenhuma!

MARRECA — Vai ser "miss", sim senhora! Qualquer "miss" serve; até "miss Nunca-

Sai-de-Casa". Ainda não vi uma "miss" que não tenha feito um bom casamento. E com um título de "miss" é só sentar e esperar, que bons partidos — ó — estão assim por aí. E com êste dote que eu juntei, você vai ter um enxoval "ba-ca-nér-ri-mo" — oh, quer dizer... — um enxoval "pôdre-de-chique". E além disso... (Toque de campainha) — Meu Deus, quem será? Não estou esperando visita! (Alto) Quem é?

PATINHA (Alvorçada) — Será o Coelhoinho?

RAPÓSO (De fora) — Ernestino Rapôso, um criado às suas ordens.

MARRECA — Oh, é o "seu" Rapôso! Um dos melhores partidos da cidade. Rico, educado... e bonitão! Ai, ai... (Alteando a voz) Entre, faz favor, a casa é sua!

RAPÓSO (Entrando) — Com suas licenças (Beija a mão da Marreca) Cada vez mais jovem, Dona Marreca. (Esta ri-se com gôsto) Bons dias, bela Patinha!

MARRECA (Para Patinha) — Cumprimen-ta o môço!

PATINHA (Contrangida, faz uma reverên-cia) — Bons dias.

RAPÓSO — Permita-me ofertar estas modestas flôres como penhor de minha perene admiração! (Faz aparecer um buquê até então oculto às costas).

MARRECA (Recebendo o buquê) — Mas que gentil! Não devia se incomodar! (Autori-tária, à Patinha, que o segura a contragôsto) Tome, menina, agradeça!

RAPÓSO (Meio confuso com êsse pega de cá, passa pra lá) — Mas, Dona Marreca,

MARRECA (Atalhando-o) — "Seu" Rapôso, a que devemos a honra da sua visita? Mas sente-se, faz favor. (Oferece a cadeira).

RAPÓSO (Faz menção de sentar-se) — Sô-mente após as senhoras. (Marreca senta na cadeira que ofereceu; Patinha na outra. Rapôso de pé entre as duas).

MARRECA — Oh, mas "seu" Rapôso está de pé! (Levanta-se e vai sentar na cadeira anteriormente ocupada por Patinha. Patinha de pé entre os dois).

danado, mas o Macaco retira a cadeira do lugar e Rapôso se esborracha no chão. Levanta-se uma fera em tempo de ver o Macaco se preparando para sentar ao lado de Patinha. O Rapôso então, cuidadosamente, puxa a cadeira esperando o Macaco cair sentado, o que não acontece, porque o Macaco apoiou um braço na cadeira de Patinha, cruzou as pernas e desenhou o corpo em posição de sentado. Rapôso mais uma vez fica olhando sem entender, coloca a cadeira no lugar e faz menção de sentar, sem o fazer logo, inclinado para a frente, ainda fascinado pela posição insólita do Macaco. Dona Marreca, que até então rodava pela sala em desespero, dá conta também da posição do Macaco e vendo a cadeira desocupada, puxa-a para oferecê-la ao Macaco, no exato momento em que o Rapôso vai sentar-se. Este se esborracha no chão mais uma vez.

RAPÔSO (Ainda no chão) — Até a senhora, Dona Marreca!

MARRECA (Correndo para o Rapôso) — Oh, "seu" Rapôso, deixe-me ajudá-lo.

RAPÔSO — Posso me levantar sozinho. (Põe-se de quatro, depois fica de pé, com dificuldade) E retiro-me, Dona Marreca. Nunca fui tão insultado em minha vida. Até a senhora, que eu tinha em tão alto conceito, me decepcionou.

MARRECA — Mas, "seu" Rapôso!

RAPÔSO — Passem bem! (Vai saindo mas ainda se volta) Todos!

(Quando está saindo definitivamente esbarra no Coelho, que vem entrando, e volta de ré. O Macaco o apara com o traseiro e Rapôso sai "catando cavaco" na direção do Coelho, que puia pro lado e grita — "Olé"!)

RAPÔSO (Só voz) — Isto não fica assim. Eu me vingarei e minha vingança será terrível. (Voz sumindo) Terrível... Terrível...

(Silêncio geral, súbitamente quebrado por Dona Marreca).

MARRECA — Oh, meu Deus, tudo por água abaixo...

MACACO — ... quando tudo ia por água acima...

MARRECA — Cale-se "seu" "mico" impertinente. (Para a Patinha) É nisso que dá botar "gentinha" dentro de casa.

MACACO — Alto lá, madame. Gentinha, não senhora. Fique sabendo que tenho sangue azul, embora seja muito democrático. Minha avó, Dona Mica da Silva, foi princesa.

MARRECA (Cética) — Princesa?

PATINHA e COELHO (Admirados) — Princesa?

MACACO — É. Minha avó foi princesa da Sociedade Recreativa, Dançante, Beneficente e

Familiar Flor de Bananeira. Só não foi rainha porque houve "marmelada"!

MARRECA — Ora, princesa de escola-de-samba...

MACACO — E daí? não foi princesa? E a senhora não quer que a Patinha seja "miss"? É a mesma coisa! (Marreca avança furiosa para êle) Ou quase...

MARRECA — Oh, seu atrevido! Dizer que "miss" é o mesmo que princesa de escola-de-samba! (Respira fundo) Eu não sei onde estou que não lhe dou uma boa resposta. (Conclusiva) Só não lhe dou uma boa resposta porque sou fina. (Saindo com dignidade) Uma dama!

(Coelho espantadíssimo com tudo que se passou, acompanha com o corpo a saída de Dona Marreca. Macaco ainda imita Dona Marreca).

MACACO — Como é, Coelho, não vai falar com sua noiva?

(Coelho cai em si, beija a mão de Patinha. São dois pombinhos arrulhando: risinhos de um lado, risinhos do outro. Típicos namorados envergonhados, só não são mais envergonhados do que o Macaco, que aprecia tudo, de lado, como se estivesse no lugar dos dois. Até que a situação se inverte: êle é surpreendido na imitação pelo casal. Dá um último risinho).

COELHO (Senta a Patinha e vai ao Macaco) — E agora, compadre? Que é que nós vamos fazer? Dona Marreca, pelo jeito, não vai voltar atrás na decisão de arranjar um bom casamento para Patinha. E você sabe que não sou rico...

MACACO — Ó Coelho, escuta aqui meu chapa! Se riqueza fôsse virtude, pobre não ia pro céu.

COELHO — Fala isso pra Dona Marreca, pra você ver!

PATINHA — A titia até que tem bom coração. Mas meteu lá na cabeça dela que eu tenho de fazer um bom casamento. E quando a titia cisma... E com essa história de "seu" Rapôso vir aqui...

MACACO (Rindo) — Por falar em "seu" Rapôso, êle saiu daqui uma fera.

PATINHA — E disse que ia se vingar.

COELHO — E que a vingança seria terrível!

PATINHA — Mas como êle iria se vingar de nós?

COELHO — Se êle se vingasse de Patinha não querendo mais se casar com ela, até que seria ótimo!

MACACO — Não seja ingênuo, Coelho. "Seu" Rapôso sempre consegue o que quer. E sempre faz o que diz. Homem de palavra tá ali!

PATINHA (Voz) — Já, titia. E já estou me deitando. Estou com um sono!

MARRECA — Eu também.

PATINHA (Voz) — A bênção, titia!

MARRECA — Deus te abençoe, minha filha! Tão boazinha, essa minha sobrinha. Gosto dessa menina como se fôsse minha filha. (Resoluta) Mas ela há de fazer um bom casamento! (Segura o cofre) E com este dote precioso que eu juntei pra ela, mais o título de "miss" que ela vai conseguir, não faltarão bons partidos. Como o "seu" Raposo, por exemplo: rico, educado e bonitão... Ai, ai... Se me aparecesse um pretendente igual a êle, eu não hesitaria! Bem, deixa eu dormir que estou morta de sono. Daqui a pouco vou dormir em pé. (Sai bocejando).

(Sai luz branca, entra luz azul. Uma pausa. Entra Patinha de camisola, com uma vela. Vai até a porta da rua, abre-a e assovia. Entram Coelho e Macaco, fazendo "ssh") — (Nesta entrada derrubam cadeira, batem com os pés, fazendo mais algazarra que silêncio. Até que se acalmam).

PATINHA — Podem ficar à vontade aí. (Vai saindo. Pára) Quando "seu" Cocoricó cantar saiam logo, porque a essa hora titia vai acordar.

COELHO — Está bem.

MACACO — Tá no ré.

PATINHA — Até amanhã, cravinho branquinho do meu jardim!

COELHO — Até amanhã, torrãozinho de açúcar!

MACACO (Gozador) — Acabamos de ouvir mais um capítulo da novela "O melado que se derreteu".

MACACO (Passa então a procurar o melhor meio de se acomodar à noite, enquanto o Coelho e Patinha ficam se dizendo: — Até amanhã!)

COELHO (Depois de Patinha sair) — Está se ajeitando para dormir, compadre?

MACACO (Juntou as duas cadeiras, fazendo uma espécie de cama) — Um pouco, não é? (Caindo em si da malícia do Coelho, levantando-se) Nãaaa! Mas conforto é bom e eu gosto.

COELHO (Peripatético) — Ih, tô com uma fome. Com essa confusão tôda nós nem jantamos. (Macaco se ajeita pra deitar).

MACACO — Se tivesse uma coisinha aí para a gente mastigar!... Uma banana, por exemplo!

COELHO — Agora é tarde, compadre... Patinha já está dormindo e ir até à cozinha no escuro é perigoso. A gente pode tropeçar em alguma coisa, faz um barulhão, Dona Mar-

reca acorda e lá se vai nosso plano por água abaixo.

MACACO — Eu com tantas bananas lá em casa e passando fome aqui.

COELHO — Ei, compadre, tive uma idéia.

MACACO — Chuta, companheiro.

COELHO — Eu vou até lá em casa e faço uma merenda rápido. Quando eu voltar é a sua vez de ir em casa comer as suas bananinhas.

MACACO — Ótima idéia, compadre. Mas vai logo que o meu estômago está roncando. (Se ajeita outra vez em posição de dormir).

COELHO — Até já. Vou num pé e volto noutro. (Repara no Macaco deitado outra vez) Não vai dormir não, heim, compadre!

MACACO (Mudando de posição) — Pode deixar.

COELHO — Até já.

MACACO — Até já. Compadre! Cuidado com o degrau.

COELHO (Fora) — Que degrau?

(Tremendo barulho. Macaco se levanta assustado. De dentro, Dona Marreca pergunta à Patinha que barulho foi aquele. Macaco então mia feito gato. Patinha explica que são os gatos. "Marreca come a balela". Macaco se ajeita pra dormir outra vez, depois de umas quedas das cadeiras. Dorme, que até ronca. O Raposo entra sorrateiramente. Vai até o Macaco e o sacode um pouco. Macaco muda de posição mas continua dormindo. Raposo vai cautelosamente até à mesa e apanha o cofre. Volta pra ver se o Macaco ainda está dormindo. Tropeça numa cadeira. O Macaco desaba das cadeiras e levanta-se ainda sonolento. Raposo dá com o telefone na cabeça do Macaco. Êste desmaia nos braços do Raposo).

RAPOSO — E agora? Que é que eu vou fazer com êle? Ah, já sei. (Coloca o Macaco debaixo da mesa).

NOTA — Neste momento, sem que a platéia perceba, o cofre passa das mãos do Raposo para as mãos do Macaco.

RAPOSO — Deixa eu trancar a porta que pode aparecer alguém. (Fecha a porta. Põe a saia em ordem. Quando vai sair, ouve a voz do Coelho).

COELHO (Fora) — Compadre! Compadre Macaco! Abra a porta! (Raposo vai até à porta e a destranca. Pega a capa que está no porta-chapéu e a põe na cabeça, feito fantasma) — Ai, ai, ai, ai, ai, ai. Vai ver que êle pegou no sono. (Entrando) Engraçado, eu pensava que a porta estava fechada! (Vê as cadeiras vazias) Será que o compadre saiu sem me

SEGUNDO ATO

(É de manhã. Dona Marreca fala ao telefone).

MARRECA — Pois é, prima Gansa, uma tragédia, um drama, uma desgraça. Não sei o que faço. Já perdi até o "rebolado", ó, quer dizer, o encanto da vida. Se não fôsse por Patinha...

MACACO (Entrando) — Com licença, D. Marreca! Boa tarde.

MARRECA (Estendendo-lhe a mão, que êle beija) — Pois é isso, querida. É o que eu digo sempre: minha vida é um romance. Olha: eu telefono depois. Agora estou com visita. Tchau, tchau, tchau, tchau... (Voltando-se para o Macaco — Trágica!) Oh, compadre Macaco, esta tragédia que se abateu sobre minha vida é a gôta d'água que vai transbordar meu cálice de amargura.

MACACO — Bonito, D. Marreca! Mas há sinceridade nisso? Se não fôsse essa sua tremenda ambição, nada disso teria acontecido. (Dona Marreca tenta responder, mas só consegue balbuciar: mas, mas, mas...) Eu não tenho nada com sua vida, D. Marreca, a senhora me desculpe, mas "poleiro de marreca é no chão". A senhora quis fazer o poleiro muito alto e — ó — esborrachou-se no chão como uma jaca madura.

MARRECA — Olhe, compadre, nunca ninguém me havia falado dêste modo. E de ontem pra hoje aprendi muita coisa. A dedicação e a sinceridade do compadre e do Coelhoinho me fizeram compreender que dinheiro e posição social podem ser bons, quando se os tem; mas não são virtudes. E virtude é o que importa.

MACACO — Beijo-lhe as mãos, D. Marreca. Agora sim, a senhora é realmente uma grande dama.

MARRECA (Retomando um pouco do antigo tom) — Mas o dinheiro tem que aparecer; nem que eu o gaste todo em pipocas, mas tem que aparecer.

COELHO (De fora, gritando) — Pode-se entrar?

MARRECA — Entre, a casa é sua.

COELHO — Bons dias, D. Marreca (Beija-lhe a mão) o compadre disse que... (Nisto o Macaco que havia se escondido, aparece com a mesma capa de fantasma. Dá um pulo na frente do Coelho. Êste dá um berro e desmaia... nos braços de Dona Marreca).

MARRECA — Que maldade, "seu" Macaco! Assustando o pobrezinho dêste modo, tão bonzinho, coitadinho!

COELHO (Acordando) — É êle, outra vez! (Agitado).

MACACO — Ó Coelho, foi uma brincadeira que eu fiz. Botei o pano na cabeça e fiz: Buuuuuuuuuu.

COELHO — Mas foi isso mesmo que eu vi ontem.

MACACO — Ah, é? Humm... Agora estou começando a perceber muitas coisas.

MARRECA — Com licença, que eu vou me aprontar: estou horrível assim. Com licença... Fiquem à vontade. (Para dentro) Ó Patinha, venha fazer companhia aos cavalheiros, — com licença, com licença (Sai).

COELHO — Puxa, como D. Marreca está mudada!

MACACO (Inocente) — É. Não é?

PATINHA — Muitos bons dias, compadre Macaco. Bons dias, meu cravinho branco.

MACACO — Ih, mais um capítulo da novela "O melado que se derreteu"... Olhem, eu acho que sei como foi o roubo. Prestem atenção e sigam-me. O ladrão, quando entrou aqui, me viu sentado — um pouco distraído — aí êle me acertou com o telefone, pegou o cofre e quando ia sair viu que o Coelhoinho estava chegando. — Que faz êle? (Pausa) Que estão vocês fazendo?

COELHO — Ora, seguindo. Você não disse: "Prestem atenção e sigam-me"?

PATINHA — É.

MACACO — Eu disse para seguir meu raciocínio! Continuando: aí êle põe tudo em ordem e me põe debaixo da mesa; depois esconde-se atrás da porta, cobre a cabeça com aquêle pano (Macaco dá um pulo) e dá-lhe um bruto susto. (Coelho grita e cai nos braços do Macaco). O Coelhoinho desmaia e o ladrão sai calmamente com o cofre de D. Marreca.

PATINHA — Compadre, você é um gênio.

COELHO — Olha, compadre, eu concordo com você; e acho que o ladrão só pode ser o "seu" Ernestino Rapôso!

PATINHA — Imagine, um senhor, tão distinto!

MACACO — Se o "seu" Rapôso é, eu não o ladrão, eu vou descobrir com esse aqui. (Mostra uma lata de talco) Genuíno pó de mico concentrado. Receita de minha tia, a Macaca Sofia.

PATINHA — Não estou entendendo...

COELHO — Nesta morei. O compadre vai dizer para o "seu" Rapôso — como quem não quer nada — que havia pó de mico dentro do cofre e que a pessoa que roubou o cofre vai sentir uma coceira nas mãos. Mas antes o

MACACO (Vê Patinha apanhar o copo da cadeira. Quando percebe que é para o Coelho beber procura impedir — Coelhoinho! (Mas é tarde, Coelho já está bebendo a água) Ih, é agora! (Patinha sem saber o que foi. Macaco explica por gestos o desastre. Patinha se apavora. Coelho amparado por Macaco e Patinha sente os efeitos do pó na água. Faz uma dança louca acompanhado pelos dois. É um verdadeiro "pas de trois". Daí ele piora e faz acrobacias em dupla com o Macaco, até que aos poucos vai melhorando. Macaco vai distrair D. Marreca para outra tentativa do plano, Patinha encarrega-se do Rapôso).

MACACO — Ó D. Marreca, que beleza êsse telefone.

MARRECA (Caindo no truque) — Ah, é uma antiguidade que comprei na casa "Tempo do Onça". (Continua gesticulando de costas para o resto do pessoal).

PATINHA — Mas, sente-se "seu" Rapôso.. Mas, oh, com tanta agitação já tem poeira outra vez na cadeira. Fico até envergonhada. O senhor poderá pensar que não varremos a casa.

RAPÔSO — Qual nada... Isto deve ser calíça caída do teto. (Passa a mão e esfrega as mãos) Não disse? É calíça!

COELHO — Sabia, "seu" Rapôso, que o cofre de D. Marreca foi roubado?

RAPÔSO (Fingindo espanto) — Não diga! Mas quem foi? Já sabem? Desconfiam de alguém?

MACACO — Não senhor, mas havia, lá dentro, pó de mico de ação retardada. E a esta hora quem estiver com as mãos coçando... é o ladrão.

RAPÔSO (Começando a sentir coceira, disfarça) — Mas às vezes a gente se coça sem ser pó de mico.

MACACO — Mas eu sou macaco, "seu" Rapôso, e sei reconhecer quando uma coceira é de pó de mico.

COELHO — Não falha nunca. O compadre é grande conhecedor de bananas e pó de mico... (A coceira de "seu" Rapôso aumenta).

PATINHA — Está sentindo alguma coisa "seu" Rapôso?

RAPÔSO — Heim?

COELHO — Que foi, "seu" Rapôso, coceira na mão?

MARRECA — Que significa tudo isto? Não entendo.

MACACO — Fique neste canto aí, D. Marreca, que agora a cobra vai fumar. "Seu" Rapôso! Confesse que roubou o cofre!

RAPÔSO — Isto é uma calúnia. Juro que não roubei o cofre.

COELHO — Não jure falso que é feio, "seu" Rapôso.

MACACO — A prova é que sua mão está coçando.

RAPÔSO — Não é prova coisa nenhuma, seu bôbo, que eu apanhei o cofre mas não abri.

MACACO, COELHO e PATINHA — Confessou!!!!

COELHO — Confessa que o cofre está com o senhor, heim?

RAPÔSO — Que mancada que eu dei! (Tenta fugir) — (Corre-corre geral).

MACACO (Encurralando-o com a lata de pó de mico na mão) — Rendição incondicional ou pó de mico?

RAPÔSO — Rendição incondicional... (Dona Marreca vai ao porta-guarda-chuva e apanha uma sombrinha).

MACACO — Bonito, heim, "seu" Rapôso.

PATINHA — Bonito nada. Muito feio é que é.

MARRECA (Caindo de sombrinha em cima do Rapôso) — Seu atrevido, seu valdevino, seu sujeito audacioso e petulante. Roubou o dote de minha sobrinha, não é? Pois tome, tome e tome...

PATINHA (Puxando D. Marreca enquanto Macaco e Coelho procuram salvar o Rapôso) — Calma titia. Olhe que a senhora pode ter um siricotico.

MARRECA — Ai, me segura que eu vou ter um troço. Vou ter o siricotico (Desmaia, sentam-na na cadeira com o pó de mico. Abanam todos, volta a si e começa a se mexer. Dança um "twist" por causa da coceira. Rapôso não pode conter o riso e é surpreendido por Dona Marreca) E ainda ri-se? (Avança outra vez — acompanhada pelos outros).

RAPÔSO — Um momento. Eu não roubei o cofre.

MARRECA — E ainda tem a coragem, depois de tudo, de dizer que não roubou o cofre? Nas minhas barbas?

RAPÔSO — Eu explico. Se eu tivesse roubado o cofre ele não estaria aqui.

TODOS — Aqui???

RAPÔSO — Nesta sala.

PATINHA — Não é possível.

RAPÔSO — Como veio parar esta mesa aqui nesta casa?

MARRECA — Foi um presente que o senhor me fez...

RAPÔSO — Pois esta mesa tem um compartimento secreto. (Vai até a mesa e retira o cofre) Realmente eu me vinguei; mas dando uma lição na D. Marreca. E parece que a lição foi bem aprendida.



Patinha. Minha sugestão é: "miss" de Mentirinha!

COELHO — A minha é: "miss" Torrão de Açúcar!

RAPOSO — A minha é: "miss" Mimosa!

MACACO — Alguém aí tem mais sugestões? (Macaco e Raposo descem à platéia. Coelho se junta a eles após sentar Patinha. O movimento na platéia deve ser o maior possível. Após recolhidas tôdas as sugestões voltam ao palco e confabulam).

MACACO (Vindo à frente em tom circence) — E atenção macacada! (Dá um risinho envergonhado) Quer dizer, atenção pessoal! Agora que já temos as sugestões, vamos à segunda parte da eleição, que é a votação. A votação é por palmas. Vocês sabem bater palmas? (Demonstração afirmativa da garotada) Muito bem. Agora eu vou dizer as sugestões e vocês gostando, batam palmas. Atenção! Para... (Diz tôdas as sugestões, a partir dos títulos que os intérpretes disseram até serem tôdas votadas. Depois confabulam mais uma vez).

NOTA 1 — É interessante fazer um desempate entre os títulos mais aplaudidos.

NOTA 2 — O título vencedor deve sair da platéia. É a vitória e o reconhecimento da capacidade de escolha da criança.

MACACO — E atenção, ma... quer dizer, atenção pessoal! que vamos dar o resultado da eleição. Dona Patinha! Aproxime-se por favor. Dona Patinha! A senhora agora é "miss"... (Suspense), "miss"... "miss" (Título que ganhou na eleição — Todos aplaudem) — Mas acontece que quando nós dissermos à Dona Marreca que Dona Patinha é "miss", ela vai dizer que houve marmelada, que nós estamos querendo enganá-la, etc., etc. Por isso nós vamos precisar de uma Comissão para representar as flôres.

PATINHA — Eu quero meninas para representar as rosas...

COELHO — E eu, meninos para representar os cravos! (Sobem as crianças ao palco).

MACACO — Já que a comissão está toda pronta eu vou chamar Dona Marreca.

PATINHA — Mas tem que ser uma surpresa para titia.

COELHO — A gente faz paredinha, escondendo a comissão. Aí, nós damos a notícia...

RAPOSO — ... e apresentamos a comissão!

MACACO — Grande, pessoal! Ah, mas para a surpresa ser bem grande nós vamos treinar uma coisa. Quando eu disser: é 1, é 2, é 3, vocês vão dizer: "Dona Patinha é "Miss". Entenderam? Vamos treinar todo mundo: a comissão de cima e a comissão de baixo. Aten-

ção: é 1, é 1, é 3: "Dona Patinha é "Miss". (Esse treino é feito tantas vezes quantas forem necessárias) — Agora que a surpresa já está ensaiada eu vou chamar Dona Marreca. (As crianças ficam escondidas pela paredinha formada pelo Raposo, Coelho e Patinha. Macaco vai à porta da direita e grita pra dentro): Ó Dona Marreca, a senhora pode dar um pulinho aqui? (Corre para fazer parte da paredinha).

MARRECA (Entra majestática, muito séria) — Sim?

COELHO — Ih, que cara feia.

MACACO — Fale o senhor, "seu" Raposo.

RAPOSO — Pois não. Ilustríssima senhora Dona Marreca. Nós aqui presentes, reunidos nesta grande data em que se comemora...

COELHO — Ei, "seu" Raposo, êste não é o discurso que o senhor fez no centenário de "Bichópolis"?

RAPOSO — Só o começo, Coelho. Eu dizia... que se comemora uma das mais impolutas eleições aqui realizadas, temos a honra, o prazer, a alegria, a emoção de comunicar a V. Distinta Senhoria, que, sua graciosa sobrinha foi agraciada com o título de "miss" (...).

MARRECA — Mas como ela pode ser "miss"... se ela não saiu daqui e nem estava inscrita em nenhum concurso?

MACACO — Dona Patinha foi eleita pelas flôres do jardim.

MARRECA — Pelas flôres do jardim?

MACACO — Agora pessoal: 1, 2, 3. (Todos: D. Patinha é "Miss").

MARRECA — Mas que gracinha. (Olhando para o comissão).

RAPOSO — E esta é a comissão que representa as flôres que elegeram D. Patinha.

MACACO — Dona Marreca, a senhora aceita esta eleição?

MARRECA (Sorridente) — Aceito.

MACACO — Porque, Dona Marreca?

MARRECA — Com esta comissão tão linda, eu não poderia deixar de aceitar esta eleição.

COELHO — Palmas para a comissão, pessoal. (Coelho e Macaco ajudam a comissão a descer).

MARRECA — Agora sim, realizei o sonho de minha vida. Patinha é "miss". E você, Patinha, pode casar com o Coelhoinho quando quiser. Ele é uma ótima pessoa. Melhor partido você não poderia arranjar.

MACACO — Uma salva de palmas para Dona Marreca.

MARRECA (Enquanto Raposo lhe beija a mão) — Oh, estou tão emocionada que acho

que vou ter um siricotico de tanta felicidade. (Desmaia) — (É posta na cadeira. Começa a se mexer. Freneticamente).

MACACO — Bonito! Ainda tem pó de mico na cadeira. (Marreca se levanta e começa a dançar o "twist" acompanhada por todos).

MACACO — Pára, pára, pára. Faltou a coroação!

COELHO — E Dona Marreca é quem vai coroar. (Sem Macaco e Coelho. Raposo ajeta a sala para a coroação) — (Coelho traz a coroa e Macaco coloca o manto em Patinha. Esta senta. Vem Dona Marreca e põe a coroa. Fazem roda e cantam):

Dona Patinha é "miss"

Dona Marreca está feliz.

Tão orgulhosa foi, mas ninguém diz.

E a Patinha casou com quem quis.

} Bis

Com o Coelho

A moral desta história

É que da vida o grande bem

Não é riqueza, nem poder, nem glória

É o amor que se tem de alguém.

Vamos nos despedir

Pois é hora de partir.

Vamos sentir saudades tôda vez

Em que pensarmos em todos vocês.

(Bis

)

F I M



Esta peça só poderá ser apresentada em espetáculo de qualquer natureza, seja por que processo fôr, mediante autorização prévia da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS, que representa o autor, na forma da lei.



DONA PATINHA VAI SER "MISS"

Peça infantil de ARTHUR MAIA

Estreada a 23 de outubro de 1965, no TEATRO MESBLA,
com o seguinte elenco:

MARRECA Lavínia Duarte
PATINHA Sheyla Juno
MACACO Arthur Maia
COELHO Fábio Camargo
RAPOSO Roberto Meira

A temporada se estendeu, ininterruptamente, de 23 de outubro de 1965 a 27 de novembro de 1966, entrando em cartaz, simultaneamente, no Teatro de Bôlso, a partir do dia 3 de abril de 1966.

Posteriormente, o papel de "DONA PATINHA" foi feito pelas atrizes: Tânia Scher e Sílvia Bená.

PERSONAGENS:

DONA MARRECA — Senhora vivaz e enérgica; sofisticada.
DONA PATINHA — Sobrinha de Dona Marreca; ingênua e gentil.
MACACO — Vivo, meio moleque, muito objetivo.
COELHO — Pretendente de Patinha; romântico, mas alegre.
ERNESTINO RAPOSO — Falso vilão, pomposo e preciso no falar e agir.

CENÁRIO: — Sala da casa de Dona Marreca. Decoração em motivos delicados e tons suaves. Porta de entrada à esquerda; porta para o interior da casa à direita. Mesa ao fundo, com telefone e o cofrinho de Dona Marreca; será totalmente coberta com um

pano, pois o Macaco ali ficará escondido e com ela se deslocará sem ser visto. Duas cadeiras em desenho e cores bem delicadas. Porta-chapéu à esquerda, onde estarão penderadas uma sombrinha e uma capa bem comprida.



DONA PATINHA VAI SER "MISS"

PRIMEIRO ATO

(Quando o pano sobe, Dona Marreca está entrando em cena, cantarolando e dançando, com uma moedinha na mão).

MARRECA — Lá, lá, lá, ri, lá, lá... Até que enfim! Aqui está a última moeda que faltava para completar o dote de Patinha. (Põe a moeda no cofre) Com este dote, mais o título de "miss" que ela vai conseguir, ela poderá fazer um bom casamento. Durante um mês inteirinho os vizinhos não irão comentar outra coisa! Lá, lá, lá, ri, lá, ri, ri, rá...

PATINHA (Entrando, dando os últimos retoques nos cabelos e na roupa) — Titia, o Coelhoinho já chegou?

MARRECA (Enérgica) — Não sei o que esse Coelhoinho perdeu dentro desta casa. Não sai daqui. É o dia inteirinho num vai e vem que não pára. Ele e aquele amigo dele, o Macaco. E eu não gosto de "gentinha" dentro de casa.

PATINHA (Indignada) — O Coelhoinho não é gentinha: é um artista. Um dia, ele ainda há de ser muito famoso. E quanto ao Macaco é uma boa pessoa, bom amigo, tem excelente conversa...

MARRECA — Fala aos gritos... onde já se viu!

PATINHA — É o jeito dele...

MARRECA — Gentinha! Ele e esse Coelhoinho que está sempre com cara de quem esqueceu alguma coisa.

PATINHA — O que não faz diferença pra mim, porque é dele que eu gosto.

MARRECA — Não diga bobagens, menina! Ai, que eu vou ter um siricótico! (Dramática) Tantos sacrifícios que eu fiz para dar uma educação esmerada a esta menina. Os cursos que ela tem!... datilografia, corte-e-costura, culinária, bordados... — faz "frivolité" di-vina-men-te! — Pra no fim de tudo se casar com um... com um... com um artista! (Definitiva) E quando você iôr "miss"...

PATINHA — Não quero ser "miss" de coisa nenhuma!

MARRECA — Vai ser "miss", sim senhora! Qualquer "miss" serve; até "miss Nunca-

Sai-de-Casa". Ainda não vi uma "miss" que não tenha feito um bom casamento. E com um título de "miss" é só sentar e esperar, que bons partidos — ó — estão assim por aí. E com este dote que eu juntei, você vai ter um enxoval "ba-ca-nér-ri-mo" — oh, quer dizer... — um enxoval "pôdre-de-chique". E além disso... (Toque de campainha) — Meu Deus, quem será? Não estou esperando visita! (Alto) Quem é?

PATINHA (Alvorçada) — Será o Coelhoinho?

RAPOSO (De fora) — Ernestino Raposo, um criado às suas ordens.

MARRECA — Oh, é o "seu" Raposo! Um dos melhores partidos da cidade. Rico, educado... e bonitão! Ai, ai... (Alteando a voz) Entre, faz favor, a casa é sua!

RAPOSO (Entrando) — Com suas licenças (Beija a mão da Marreca) Cada vez mais jovem, Dona Marreca. (Esta ri-se com gosto) Bons dias, bela Patinha!

MARRECA (Para Patinha) — Cumprimenta o môço!

PATINHA (Contrangida, faz uma reverência) — Bons dias.

RAPOSO — Permita-me ofertar estas modestas flôres como penhor de minha perene admiração! (Faz aparecer um buquê até então oculto às costas).

MARRECA (Recebendo o buquê) — Mas que gentil! Não devia se incomodar! (Autoritária, à Patinha, que o segura a contragosto) Tome, menina, agradeça!

RAPOSO (Meio confuso com esse pega de cá, passa pra lá) — Mas, Dona Marreca...!

MARRECA (Atalhando-o) — "Seu" Raposo, a que devemos a honra da sua visita? Mas sente-se, faz favor. (Oferece a cadeira).

RAPOSO (Faz menção de sentar-se) — Somente após as senhoras. (Marreca senta na cadeira que ofereceu; Patinha na outra. Raposo de pé entre as duas).

MARRECA — Oh, mas "seu" Raposo está de pé! (Levanta-se e vai sentar na cadeira anteriormente ocupada por Patinha. Patinha de pé entre os dois).



RAPOSO — Oh, mas Dona Patinha ficou de pé! Por favor! (Patinha senta. Raposo novamente entre as duas).*

MARRECA — Oh, mas "seu" Raposo está de pé novamente! (Levanta-se para dar lugar ao Raposo e vai sentar na cadeira que Patinha desocupa. — Estes movimentos são repetidos até que a Marreca toma uma atitude).

MARRECA — Bem, "seu" Raposo, vamos resolver esse negócio das cadeiras!

PATINHA (À parte) — Acho bom!

MARRECA — Patinha e eu sentamos juntas nesta cadeira e o senhor naquela outra. (Aponta a cadeira) Faz favor.

RAPOSO — Após a senhora!

MARRECA — Após o senhor!

RAPOSO — Após a senhora! (Repetem estas falas várias vezes).

MARRECA — Após o senhor, por favor. O senhor é visita.

RAPOSO — Então sentemos ao mesmo tempo. (Ensaíam sentar umas três vezes. Lentamente se assentam, vigiando para que isto aconteça ao mesmo tempo).

(Raposo, constrangido, querendo falar alguma coisa. Marreca ansiosa, mas escondendo a impaciência, já está ficando aflita com a indecisão do Raposo).

MARRECA (Dando um risinho, puxando assunto) — Pois é, não é? Hé, hé, hé...! Calorão!

RAPOSO — É! Calorão...

MARRECA — É, calorão... mas agora até que está mais fresquinho!

RAPOSO — É, está mais fresquinho não há dúvida.

(Riso seco dos dois. Falam ao mesmo tempo).

RAPOSO — Dona Marreca!

MARRECA — "Seu" Raposo!

(Riem outra vez)

RAPOSO — Fale a senhora: primeiro as damas!

MARRECA — Não, não, não, não, não! Primeiro o senhor, que é visita, e depois deve ter vindo aqui por algum bom motivo.

RAPOSO — Bem, Dona Marreca, já que a senhora insiste, o assunto que me traz aqui é... (Pausa) é... é matrimônio.

(Patinha se levanta num susto, fazendo menção de fugir para o interior da casa. Raposo se levanta também, meio sem entender, no que é acompanhado por Dona Marreca, que toma a frente de Patinha, e a faz voltar à cadeira).

MARRECA (Para a Patinha) — Senta!

(Sentam-se os três de uma vez).

MARRECA (Tôda solícita) — ...mas como o senhor ia dizendo...

RAPOSO (Pega a deixa) — Como eu ia dizendo... o assunto é matrimônio! (Pomposo e formal) E espero que a senhora tenha o mais favorável acolhimento às minhas pretensões.

MARRECA (Entusiasmada) — Lindas palavras! (Realtando a fala, meio beócia) ... embora eu não tenha entendido muito bem (Beócia total).

PATINHA (Levantando-se, já agora sem ser impedida) — Pois eu entendi tudo!

RAPOSO — Ah, se Dona Patinha entendeu já é meio caminho andado.

PATINHA — Entendi, sim, mas não concordo!

MARRECA (Aflita com o rumo da conversa) — Você não tem nada que se manifestar. (Agora, para Raposo) Desculpe a Patinha, "seu" Raposo. É que ela anda muito nervosa, coitada, porque vai ser "miss".

PATINHA — Não vou ser "miss" coisa nenhuma e nem quero me casar!

RAPOSO — Mas, Dona Patinha, deixe-me explicar minha situação...

PATINHA (Atalhando) — Não precisa explicar sua situação, "seu" Raposo, eu sei que o senhor é muito rico, mas não é riqueza que faz bom casamento. E além disso, não é de bom tom — excelentíssimo senhor Ernestino Raposo — fazer proposta de casamento a uma moça comprometida.

RAPOSO (Aflito) — Comprometida! Que história é essa de estar comprometida, Dona Marreca? Eu não sabia!

MARRECA (Sentando-se) — Não ligue, "seu" Raposo. Tôda esta história são criações de Patinha. (Querendo contornar o assunto) Porque quando Patinha fôr "miss"...

(Nisto irrompe o Macaco dando de passagem, um safanão no Raposo, que fica rodando meio tonto).

MACACO — Bons dias, caras senhoras. Meus respeitos. (Beija a mão de Dona Marreca. Vai até Patinha) Como vai, Dona Patinha? (Baixo) Tenho um recado do Coelho pra você.

PATINHA (Baixo) — Salve-me, compadre, que "seu" Raposo veio me pedir em casamento e tia já está tôda derretida.

MACACO — Pode deixar, Dona Patinha. Vou resolver este caso à minha moda. (Indo ao Raposo, que depois de dar muitas voltas foi amparado por Dona Marreca e sentado numa cadeira) Como vai essa força "seu" Raposo?

(Raposo levanta-se pra cumprimentar o Macaco. Este recolhe a mão apontando noutra direção. Raposo não entende e vai sentar, meio



danado, mas o Macaco retira a cadeira do lugar e Rapôso se esborracha no chão. Levanta-se uma fera em tempo de ver o Macaco se preparando para sentar ao lado de Patinha. O Rapôso então, cuidadosamente, puxa a cadeira esperando o Macaco cair sentado, o que não acontece, porque o Macaco apoiou um braço na cadeira de Patinha, cruzou as pernas e desenhou o corpo em posição de sentado. Rapôso mais uma vez fica olhando sem entender, coloca a cadeira no lugar e faz menção de sentar, sem o fazer logo, inclinado para a frente, ainda fascinado pela posição insólita do Macaco. Dona Marreca, que até então rodava pela sala em desespero, dá conta também da posição do Macaco e vendo a cadeira desocupada, puxa-a para oferecê-la ao Macaco, no exato momento em que o Rapôso vai sentar-se. Este se esborracha no chão mais uma vez).

RAPOSO (Ainda no chão) — Até a senhora, Dona Marreca!

MARRECA (Correndo para o Rapôso) — Oh, "seu" Rapôso, deixe-me ajudá-lo.

RAPOSO — Posso me levantar sozinho. (Põe-se de quatro, depois fica de pé, com dificuldade) E retire-me, Dona Marreca. Nunca fui tão insultado em minha vida. Até a senhora, que eu tinha em tão alto conceito, me decepcionou.

MARRECA — Mas, "seu" Rapôso!

RAPOSO — Passem bem! (Vai saindo mas ainda se volta) Todos!

(Quando está saindo definitivamente esbarra no Coelho, que vem entrando e volta de ré. O Macaco o apara com o traseiro e Rapôso sai "enfando cavaco" na direção do Coelho, que pua pro lado e grita — "Olé!")

RAPOSO (Só voz) — Isto não fica assim. Eu me vingarei e minha vingança será terrível. (Voz sumindo) Terrível... Terrível...

(Silêncio geral, súbitamente quebrado por Dona Marreca).

MARRECA — Oh, meu Deus, tudo por água abaixo...

MACACO — ... quando tudo ia por água acima...

MARRECA — Cale-se "seu" "mico" impertinente. (Para a Patinha) É nisso que dá botar "gentinha" dentro de casa.

MACACO — Alto lá, madame. Gentinha, não senhora. Fique sabendo que tenho sangue azul, embora seja muito democrático. Minha avó, Dona Mica da Silva, foi princesa.

MARRECA (Cética) — Princesa?

PATINHA e COELHO (Admirados) — Princesa?

MACACO — É. Minha avó foi princesa da Sociedade Recreativa, Dançante, Beneficente e

Familiar Flor de Bananeira. Só não foi rainha porque houve "marmelada"!

MARRECA — Ora, princesa de escola-de-samba...

MACACO — E daí? não foi princesa? E a senhora não quer que a Patinha seja "miss"? É a mesma coisa! (Marreca avança furiosa para êle) Ou quase...

MARRECA — Oh, seu atrevido! Dizer que "miss" é o mesmo que princesa de escola-de-samba! (Respira fundo) Eu não sei onde estou que não lhe dou uma boa resposta. (Conclusiva) Só não lhe dou uma boa resposta porque sou fina. (Saindo com dignidade) Uma dama!

(Coelho espantadíssimo com tudo que se passou, acompanha com o corpo a saída de Dona Marreca. Macaco ainda imita Dona Marreca).

MACACO — Como é, Coelho, não vai falar com sua noiva?

(Coelho cai em si, beija a mão de Patinha. São dois pombinhos arrulhando: risinhos de um lado, risinhos do outro. Típicos namorados envergonhados, só não são mais envergonhados do que o Macaco, que aprecia tudo, de lado, como se estivesse no lugar dos dois. Até que a situação se inverte: êle é surpreendido na imitação pelo casal. Dá um último risinho).

COELHO (Senta a Patinha e vai ao Macaco) — E agora, compadre? Que é que nós vamos fazer? Dona Marreca, pelo jeito, não vai voltar atrás na decisão de arranjar um bom casamento para Patinha. E você sabe que não sou rico...

MACACO — Ó Coelho, escuta aqui meu chapa! Se riqueza fôsse virtude, pobre não ia pro céu.

COELHO — Fala isso pra Dona Marreca, pra você ver!

PATINHA — A titia até que tem bom coração. Mas meteu lá na cabeça dela que eu tenho de fazer um bom casamento. E quando a titia cisma... E com essa história de "seu" Rapôso vir aqui...

MACACO (Rindo) — Por falar em "seu" Rapôso, êle saiu daqui uma fera.

PATINHA — E disse que ia se vingar.

COELHO — E que a vingança seria terrível!

PATINHA — Mas como êle iria se vingar de nós?

COELHO — Se êle se vingasse de Patinha não querendo mais se casar com ela, até que seria ótimo!

MACACO — Não seja ingênuo, Coelho. "Seu" Rapôso sempre consegue o que quer. E sempre faz o que diz. Homem de palavra tá ali!



COELHO (Desabafando) — Tudo por causa dessa mania de grandeza de Dona Marreca!

PATINHA (Reprovando-o amorosamente) — Coelhoinho!

COELHO — Mas é verdade, Patinha. E essa ambição de juntar tanto dinheiro pra fazer um dote e ...

MACACO (Dando um pulo) — Aiii!!!

PATINHA — Está sentindo alguma coisa?

COELHO — O que foi? Diga!

MACACO — Aiii! (Tentando tomar respiração) Aiii! Ah! Lá! (Aponta na direção do cofre).

PATINHA e COELHO — O cofre? Que é que tem?

PATINHA — Está no lugar de sempre.

MACACO — Pois é. Agora, acompanhem meu raciocínio: se vocês quizessem se vingar de Dona Marreca que é que vocês fariam?

COELHO — Eu roubaria o cofre com o dinheiro do dote...

MACACO — Pois é!

PATINHA e COELHO — Aiii!!!

MACACO — Viu?

PATINHA — Tem razão, compadre.

COELHO — Éta sujeito vivo, êsse Macaco. O compadre devia estar na polícia.

MACACO — É. Eu já fui, compadre, mas agora estou inteiramente dedicado ao negócio de bananas... (Macaco completamente absorvido, falando em bananas, compota de banana, geléia de bananas etc.).

COELHO — Ih, o compadre quando começa a falar em bananas até se esquece da vida. O compadre! Compadre!

MACACO (Assustado) — Heim?

COELHO — O caso do cofre!

MACACO — Que cofre?

COELHO — O cofre com o dote!

MACACO — Ah! Que eu ia me esquecendo! O negócio é a gente ficar de guarda no cofre.

COELHO — Até que seria uma boa idéia deixar o cofre ser roubado.

PATINHA — Ficou maluco, Coelhoinho?

COELHO — Ué, se êle roubasse o cofre, você não teria mais dote e poderia casar com qualquer um! (Triunfal) Eu, por exemplo!

PATINHA — É, mas neste caso a titia ficaria tão desconsolada, coitada, que morreria de desgosto certamente.

COELHO — É. E aí é que ela não sossejava enquanto você não fôsse "miss".

PATINHA — Desculpe, Coelhoinho, mas essa idéia não serve.

COELHO — Tem razão, ó flôr das Patinhas... (Numa respiração só, bem infantil) Peço desculpas pelo meu egoísmo e por não ter pensado em Dona Marreca que no fundo

até que é uma boa alma. (Amoroso) Me perdoa, meu torrão de açúcar?

PATINHA — Perdão sim, meu cravinho branco!

MACACO (Impaciente com o derretimento dos dois) — Ah, eu não perdoava! Eu não perdoava! Desculpe interromper êsse derretimento todo de cravinho branco pra cá, torrão de açúcar pra lá; mas nós temos que resolver logo êsse caso do cofre.

COELHO — Tem razão, compadre. (Pegando o mesmo tom infantil) Peço desculpas pelo meu egoísmo e por não ter pensado...

MACACO — Essa não, Coelho! Vai começar tudo de nôvo?

COELHO — Desculpe...

MACACO — Épa!

COELHO — Tá!

MACACO — Mas como eu ia dizendo, quando fui ligeiramente interrompido, o negócio é a gente ficar de guarda no cofre.

PATINHA — Mas titia não pode saber! Ela ficaria muito assustada! Aqui por estas bandas nunca houve roubos. Se ela souber que poderá haver roubo aqui dentro de casa, esta noite, é bem capaz de ela ter um sircotico na cabeça.

COELHO — Vamos fazer o seguinte: nós ficamos aí por fora; quando Dona Marreca dormir você assovia, nós entramos e passamos a noite aqui na sala tomando conta do cofre.

MACACO — Ótima idéia, seu Coelho. Até que você não é muito burro, não.

COELHO — Obrigado, compadre.

PATINHA — Então saiam logo que é pra titia não desconfiar!

COELHO — Até já, estrêla solitária do meu céu azul!

PATINHA (Suspirosa) — Ai, ai, até já, meu cravinho branco do meu jardim em flor.

(Macaco assiste impaciente êste nôvo derretimento. Imita irônicamente as primeiras frases dos dois, enquanto êles ficam se repetindo: — Até já! Até já! E vai saindo, passa peió Coelho, dá-lhe um puxão e o leva).

PATINHA (Fechando a porta, lânguidamente) — Ai, ai, o Coelhoinho é uma gracinha.

MARRECA (Só voz) — Ó Patinha, está na hora de dormir. (Entrando) Vá tomar seu leitinho e escovar os dentinhos que já é tarde.

PATINHA (Saindo) — Está bem, titia.

MARRECA — Amanhã tenho muito que fazer. Já pedi ao "seu" Cocoricó pra cantar às 4 horas, que eu preciso acordar bem cedo. (Elevando a voz) Ó Patinha!

PATINHA (Só voz) — Senhora, titia!

MARRECA — Já fechou tudo?



PATINHA (Voz) — Já, titia. E já estou me deitando. Estou com um sono!

MARRECA — Eu também.

PATINHA (Voz) — A bênção, titia!

MARRECA — Deus te abençoe, minha filha! Tão boazinha, essa minha sobrinha. Gosto dessa menina como se fôsse minha filha. (Resoluta) Mas ela há de fazer um bom casamento! (Segura o cofre) E com êste dote precioso que eu juntei pra ela, mais o título de "miss" que ela vai conseguir, não faltarão bons partidos. Como o "seu" Raposo, por exemplo: rico, educado e bonito... Ai, ai... Se me aparecesse um pretendente igual a êle, eu não hesitaria! Bem, deixa eu dormir que estou morta de sono. Daquí a pouco vou dormir em pé. (Sai bocejando).

(Sai luz branca, entra luz azul. Uma pausa. Entra Patinha de camisola, com uma vela. Vai até a porta da rua, abre-a e assovia. Enfram Coelho e Macaco, fazendo "ssh") — (Nesta entrada derrubam cadeira, batem com os pés, fazendo mais algazarra que silêncio. Até que se acalmam).

PATINHA — Podem ficar à vontade aí. (Vai saindo. Para) Quando "seu" Cocoricó cantar saiam logo, porque a essa hora titia vai acordar.

COELHO — Está bem.

MACACO — Tá no ré.

PATINHA — Até amanhã, cravinho branquinho do meu jardim!

COELHO — Até amanhã, torrãozinho de açúcar!

MACACO (Gozador) — Acabamos de ouvir mais um capítulo da novela "O melado que se derreteu".

MACACO (Passa então a procurar o melhor meio de se acomodar à noite, enquanto o Coelho e Patinha ficam se dizendo: — Até amanhã!)

COELHO (Depois de Patinha sair) — Está se ajeitando para dormir, compadre?

MACACO (Juntou as duas cadeiras, fazendo uma espécie de cama) — Um pouco, não é? (Caindo em si da malícia do Coelho, levantando-se) Nãaaa! Mas conforto é bom e eu gosto.

COELHO (Peripatético) — Ih, tô com uma fome. Com essa confusão tôda nós nem jantamos. (Macaco se ajeita pra deitar).

MACACO — Se tivesse uma coisinha aí para a gente mastigar!... Uma banana, por exemplo!

COELHO — Agora é tarde, compadre... Patinha já está dormindo e ir até à cozinha no escuro é perigoso. A gente pode tropeçar em alguma coisa, faz um barulhão, Dona Mar-

reca acorda e lá se vai nosso plano por água abaixo.

MACACO — Eu com tantas bananas lá em casa e passando fome aqui.

COELHO — Ei, compadre, tive uma idéia.

MACACO — Chuta, companheiro.

COELHO — Eu vou até lá em casa e faço uma merenda rápido. Quando eu voltar é a sua vez de ir em casa comer as suas bananinhas.

MACACO — Ótima idéia, compadre. Mas vai logo que o meu estômago está roncando. (Se ajeita outra vez em posição de dormir).

COELHO — Até já. Vou num pé e volto noutro. (Repara no Macaco deitado outra vez) Não vai dormir não, heim, compadre!

MACACO (Mudando de posição) — Pode deixar.

COELHO — Até já.

MACACO — Até já. Compadre! Cuidado com o degrau.

COELHO (Fora) — Que degrau?

(Tremendo barulho. Macaco se levanta assustado. De dentro, Dona Marreca pergunta à Patinha que barulho foi aquêle. Macaco então mia feito gato. Patinha explica que são os gatos. "Marreca come a balela". Macaco se ajeita pra dormir outra vez, depois de umas quedas das cadeiras. Dorme, que até ronca. O Raposo entra sorrateiramente. Vai até o Macaco e o sacode um pouco. Macaco muda de posição mas continua dormindo. Raposo vai cautelosamente até à mesa e apanha o cofre. Volta pra ver se o Macaco ainda está dormindo. Tropeça numa cadeira. O Macaco desaba das cadeiras e levanta-se ainda sonolento. Raposo dá com o telefone na cabeça do Macaco. Êste desmaia nos braços do Raposo).

RAPOSO — E agora? Que é que eu vou fazer com êle? Ah, já sei. (Coloca o Macaco debaixo da mesa).

NOTA — Neste momento, sem que a platéia perceba, o cofre passa das mãos do Raposo para as mãos do Macaco.

RAPOSO — Deixa eu trancar a porta que pode aparecer alguém. (Fecha a porta. Põe a sala em ordem. Quando vai sair, ouve a voz do Coelho).

COELHO (Fora) — Compadre! Compadre Macaco! Abra a porta! (Raposo vai até à porta e a destranca. Pega a capa que está no porta-chapéu e a põe na cabeça, feito fantasma) — Ai, ai, ai, ai, ai, ai. Vai ver que êle pegou no sono. (Entrando) Engraçado, eu pensava que a porta estava fechada! (Vê as cadeiras vazias) Será que o compadre saiu sem me

esperar? (Pega uma cadeira e a leva para o proscênio, à direita. Quando vai sentar ouve e vê o Rapôso que agita os braços feito assombração. Dá um grito e cai desmaiado na cadeira. Rapôso cobre o Coelho com a capa e sai correndo quando ouve a gritaria das mulheres assustadas com o barulho).

MARRECA (Entrando seguida de Patinha que traz um castiçal com vela acesa) — Que barulheira é essa, gente? O que está havendo aqui? (Coelho se mexe gemendo e agitando os braços, as duas se assustam e gritam).

COELHO (Descobrimdo-se) — Sou eu, D. Marreca, o Coelho!

MARRECA — Que é que você está fazendo aqui?

COELHO — Tomando conta do seu cofre-zinho.

PATINHA — É sim, titia!

MARRECA — Não sei porque, onde já se viu! Nunca houve roubos por estas bandas e o meu cofre está em perfeita segurança aqui em cima da... (Vê a mesa sem o cofre) Uai! Onde está o meu cofre? (Avança furiosa para o Coelho) Exijo uma explicação já, neste momento, agora. Que é que você fez com meu rico cofre?

PATINHA — Titia! O Coelhoinho e o Macaco estavam cheios de cuidados pelo seu cofre-zinho e se ofereceram para ficar tomando conta dele e não acontecesse nada!

COELHO — Ai, eu fui até em casa e quando voltei o Macaco não estava mais aqui!

MARRECA — Então foi ele, o fingido, quem roubou o meu rico cofre! Ah, se eu o pego! Dou-lhe uma surra de guarda-chuva, ah, se dou!

COELHO — Não foi o compadre quem roubou o cofre, não! Boto a minha mão no fogo por ele. Foi um fantasma que levou o cofre. Eu vi com estes olhos que a terra há de comer. Era horrível! Tinha muitos braços. Uma coisa medonha, Dona Marreca, e como gemia... (Nisto o Macaco começa a gemer. Todos se olham sem saber donde vêm os gemidos. De repente a mesa começa a andar, com telefone, vela e tudo. Os três apavorados correm em tôdas as direções enquanto a mesa se desloca pelo palco até que os três desmaiam simultaneamente).

MACACO (Saindo de sob a mesa) — Ué, uái, que é que houve aqui? Ué, uái, desmaiam. Vou buscar um pouco de água pra jogar nêles. (Sai. Volta com um balde. Faiha pontaria. Berra. A água vai em cima da platéia: —

Papel celofane picado. Começam acordar meio assustados. Confusão geral).

MACACO — Calma pessoal, não foi nada não! Sou eu, gente, o compadre.

MARRECA — Que noite seu Macaco, que noite! Mais um susto dêstes e eu tenho um sircótico!

COELHO — Foi fantasma, compadre. Foi fantasma, eu vi!

PATINHA — É sim, compadre, eu também!

MACACO — Um de cada vez!

PATINHA — Sumiu o cofre-zinho da titia!

COELHO — Foi o fantasma que levou!

MARRECA — E eu cheguei a pensar que havia sido o senhor! Nós não vimos o senhor por aqui!

MACACO — Pois eu estava aqui o tempo todo!

PATINHA — Onde?

MACACO — Debaixo da mesa, e com um bruto galo na testa!

COELHO — Ha, ha, ha! Então era você que estava mexendo com a mesa?

MARRECA — Que susto o senhor nos deu, compadre!

COELHO — É... mas o que eu vi primeiro era fantasma!

MACACO — Primeiríssimamente, fantasma não existe: só na imaginação de quem tem medo. E segundo, fantasma não rouba cofres. Portan-t-o-tó, o ladrão é gente: carne e osso.

COELHO — Então vamos dar uma batida por aí que talvez a gente encontre alguma pista.

MACACO — Certo, Coelho. Minhas senhoras! Podem dormir sossegadas que mais nada lhes acontecerá. Boas noites e durmam tranqüilas.

MARRECA — Muito obrigada, compadre.

COELHO (Beijando a mão de D. Marreca) — Boa noite, minha senhora. E desculpe alguma coisa...

MARRECA — Boa noite, Coelhoinho (Saindo com a vela) Até que esse Coelhoinho é bem simpático. (Sai). — (Surge cara de Patinha à esquerda e cara de Coelho à direita).

PATINHA — Até amanhã, meu cravinho branco!

COELHO — Até amanhã, minha cocada de jasmim.

MACACO (Só voz, gozador) — Até amanhã, cravinho branco; até amanhã minha cocada de jasmim! Eu, heim?

(FIM DO PRIMEIRO ATO)



SEGUNDO ATO

(É de manhã. Dona Marreca fala ao telefone).

MARRECA — Pois é, prima Gansa, uma tragédia, um drama, uma desgraça. Não sei o que faço. Já perdi até o "rebolado", ó, quer dizer, o encanto da vida. Se não fôsse por Patinha...

MACACO (Entrando) — Com licença, D. Marreca! Boa tarde.

MARRECA (Estendendo-lhe a mão, que ele beija) — Pois é isso, querida. É o que eu digo sempre: minha vida é um romance. Olha: eu telefono depois. Agora estou com visita. Tchau, tchau, tchau, tchau... (Voltando-se para o Macaco — Trágica!) Oh, compadre Macaco, esta tragédia que se abateu sobre minha vida é a gota d'água que vai transbordar meu cálice de amargura.

MACACO — Bonito, D. Marreca! Mas há sinceridade nisso? Se não fôsse essa sua tremenda ambição, nada disso teria acontecido. (Dona Marreca tenta responder, mas só consegue balbuciar: mas, mas, mas...) Eu não tenho nada com sua vida, D. Marreca, a senhora me desculpe, mas "poleiro de marreca é no chão". A senhora quis fazer o poleiro muito alto e — ó — esborrachou-se no chão como uma jaca madura.

MARRECA — Olhe, compadre, nunca ninguém me havia falado d'este modo. E de ontem pra hoje aprendi muita coisa. A dedicação e a sinceridade do compadre e do Coelhoinho me fizeram compreender que dinheiro e posição social podem ser bons, quando se os tem; mas não são virtudes. E virtude é o que importa.

MACACO — Beijo-lhe as mãos, D. Marreca. Agora sim, a senhora é realmente uma grande dama.

MARRECA (Retomando um pouco do antigo tom) — Mas o dinheiro tem que aparecer; nem que eu o gaste todo em pipocas, mas tem que aparecer.

COELHO (De fora, gritando) — Pode-se entrar?

MARRECA — Entre, a casa é sua.

COELHO — Bons dias, D. Marreca (Beija-lhe a mão) o compadre disse que... (Nisto o Macaco que havia se escondido, aparece com a mesma capa de fantasma. Dá um pulo na frente do Coelho. Este dá um berro e desmaia... nos braços de Dona Marreca).

MARRECA — Que maldade, "seu" Macaco! Assustando o pobrezinho d'este modo, tão bonzinho, coitadinho!

COELHO (Acordando) — É ele, outra vez! (Agitado).

MACACO — Ó Coelho, foi uma brincadeira que eu fiz. Botei o pano na cabeça e fiz: Buuuuuuuuuuu.

COELHO — Mas foi isso mesmo que eu vi ontem.

MACACO — Ah, é? Humm... Agora estou começando a perceber muitas coisas.

MARRECA — Com licença, que eu vou me aprontar: estou horrível assim. Com licença... Fiquem à vontade. (Para dentro) Ó Patinha, venha fazer companhia aos cavalheiros, — com licença, com licença (Sai).

COELHO — Puxa, como D. Marreca está mudada!

MACACO (Inocente) — É. Não é?

PATINHA — Muitos bons dias, compadre Macaco. Bons dias, meu cravinho branco.

MACACO — Ih, mais um capítulo da novela "O melado que se derreteu"... Olhem, eu acho que sei como foi o roubo. Prestem atenção e sigam-me. O ladrão, quando entrou aqui, me viu sentado — um pouco distraído — aí ele me acertou com o telefone, pegou o cofre e quando ia sair viu que o Coelhoinho estava chegando. — Que faz ele? (Pausa) Que estão vocês fazendo?

COELHO — Ora, seguindo. Você não disse: "Prestem atenção e sigam-me"?

PATINHA — É.

MACACO — Eu disse para seguir meu raciocínio! Continuando: aí ele põe tudo em ordem e me põe debaixo da mesa; depois esconde-se atrás da porta, cobre a cabeça com aquele pano (Macaco dá um pulo) e dá-lhe um bruto susto. (Coelha grita e cai nos braços do Macaco). O Coelhoinho desmaia e o ladrão sai calmamente com o cofre de D. Marreca.

PATINHA — Compadre, você é um gênio.

COELHO — Olha, compadre, eu concordo com você; e acho que o ladrão só pode ser o "seu" Ernestino Rapôso!

PATINHA — Imagine, um senhor tão distinto!

MACACO — Se o "seu" Rapôso é ou não o ladrão, eu vou descobrir com isso aqui. (Mostra uma lata de talco) Genuíno pó de mico concentrado. Receita de minha tia, a Macaca Sofia.

PATINHA — Não estou entendendo...

COELHO — Nesta morei. O compadre vai dizer para o "seu" Rapôso — como quem não quer nada — que havia pó de mico dentro do cofre e que a pessoa que roubou o cofre vai sentir uma coceira nas mãos. Mas antes o

compadre vai passar pó de mico nas mãos do Rapôso.

PATINHA — E como é que vocês vão passar pó de mico nas mãos dele, sem ele desconfiar?

MACACO — Este é que é o "X" do problema. (Todos tentam achar uma solução) Ah, já sei. Joga-se um pouco deste prodigioso pó de mico concentrado na cadeira, convida-se o Rapôso para sentar; quando ele já estiver sentando a gente diz: "Um momento "seu" Rapôso, tem poeira na cadeira" — Aí ele limpa a cadeira com a mão e, — ó — pó de mico. (O Coelho e Patinha fazem a pantomima de toda a explicação do Macaco).

COELHO — Grande, compadre.

PATINHA — Mas, a titia não pode saber de nada. Ela tem o "seu" Rapôso em grande consideração.

COELHO — Agora é só esperar o distinto. (Sai pulando e cantando. Só a princípio, depois acompanhado pelos outros fazendo roda) Vamos pegar o ladrão, vamos... etc. (Entra Rapôso, com grande dignidade. Os três disfarçam).

RAPÔSO — Bons dias. Bons dias, D. Patinha. (Beija-lhe as mãos) Bons dias, cavalheiros. (Faz mesuras que são correspondidas) A ilustríssima senhora Dona Marreca está?

PATINHA — Um momentinho "seu" Rapôso, que eu vou chamá-la. (Faz pequena reverência e, sem sair de cena, fala) Titia, "seu" Rapôso está aí!

MARRECA (Só voz) — Estou indo. (Já em cena) Pronto, cheguei. "Seu" Rapôso, quanta honra! (O Rapôso beija-lhe a mão e oferece-lhe um buquê, destes cujas flores surgem de repente) Oh, quanta gentileza! Não precisava se incomodar. Mas sente, por favor. (Macaco joga pó de mico na cadeira em que o Rapôso vai sentar-se).

RAPÔSO — Primeiro as damas, faço questão. (Puxa, D. Marreca para sentar na cadeira. Macaco e Coelho trocam as cadeiras depressa).

MARRECA — Não senhor, primeiros as visitas. (Puxa, Rapôso para a cadeira. As cadeiras são trocadas apressadamente. — As cadeiras são trocadas enquanto duram as amabilidades. Até que Marreca faz menção de sentar-se) Então sentemos ao mesmo tempo. (Quando Rapôso vai sentar-se, Patinha dá um grito).

PATINHA — Um momento, "seu" Rapôso. Tem poeira na sua cadeira. Vou limpar. (Faz menção de que vai buscar um espanador).

RAPÔSO — Deixe, que eu mesmo limpo. (Grande expectativa. Macaco mete a cara quase que no assento da cadeira, Rapôso faz

que vai limpar com a mão, mas no último momento puxa de um lenço e sacode o pó na cara do Macaco, que pula feito um doido).

MARRECA — Que é que deu no compadre?

RAPÔSO — Coisa esquisita.

COELHO (Tentia salvar as aparências) — É que ele estava fazendo a demonstração de uma nova dança, antes do senhor chegar, e agora ele está dançando de novo, pro senhor ver. — Não é, Patinha?

PATINHA — É, sim!

RAPÔSO — Dança esquisita! (Para a Marreca) O que não faz a mocidade de hoje!

MARRECA — É o que eu digo sempre, seu Rapôso! (Coelho empurra Macaco para o interior da casa, para ele se coçar à vontade. Rapôso se levanta e começa pequeno discurso).

RAPÔSO — D. Marreca, eu queria me desculpar pelo meu procedimento de ontem. Estou sinceramente arrependido e envergonhado, por ter perdido a calma.

MARRECA — Ora, "seu" Rapôso, está desculpado. Afinal de contas o senhor não tem sangue de barata, não é? (Rapôso vai beijar as mãos da Marreca).

RAPÔSO — Eu queria me desculpar também com D. Patinha, com o senhor Macaco... (Precura na sala) Ele saiu?

COELHO — Não! Foi beber um pouco de água. Foi (Para dentro) Ó compadre, quando acabar de beber sua água, traz um copo para mim.

MACACO (Entrando) — Que água?

COELHO (Empurrando-o de volta) — Quando você saiu foi para beber água, não foi?

MACACO — Ah, é? (Morando no assunto) Ah, é!!! (Sai).

PATINHA — Distraído, o compadre.

MACACO (Voltando com um copo) — Aqui está a água! (Sem querer pisa no pé do Coelho, que sai pulando pela sala. Macaco entrega o copo à Patinha e vai ajudá-lo. Patinha põe o copo em cima da cadeira e vai solícita ao Coelho).

COMPADRE — Ai, que o compadre pisou no meu calo de estimação. (Vai sentar na outra cadeira, cercado por todos, menos o Macaco).

MACACO — Por via das dúvidas deixa pôr mais pó de mico nesta cadeira. (Põe pó sem prestar atenção ao copo).

MARRECA — Beba água, Coelhinho, que passa...

COELHO — Boa idéia.

PATINHA (Apanha o copo sem perceber o pó) — Toma, Coelhinho.



MACACO (Vê Patinha apanhar o copo da cadeira. Quando percebe que é para o Coelho beber procura impedir — Coelhoinho! (Mas é tarde, Coelho já está bebendo a água) Ih, é agora! (Patinha sem saber o que foi. Macaco explica por gestos o desastre. Patinha se apavora. Coelho amparado por Macaco e Patinha sente os efeitos do pó na água. Faz uma dança louca acompanhado pelos dois. É um verdadeiro "pas de trois". Daí ele piora e faz acrobacias em dupla com o Macaco, até que aos poucos vai melhorando. Macaco vai distrair D. Marreca para outra tentativa do plano, Patinha encarrega-se do Rapôso).

MACACO — Ó D. Marreca, que beleza esse telefone.

MARRECA (Caindo no truque) — Ah, é uma antiguidade que comprei na casa "Tempo do Onça". (Continua gesticulando de costas para o resto do pessoal).

PATINHA — Mas, sente-se "seu" Rapôso.. Mas, oh, com tanta agitação já tem poeira outra vez na cadeira. Fico até envergonhada. O senhor poderá pensar que não varremos a casa.

RAPOSO — Qual nada... Isto deve ser calíça caída do teto. (Passa a mão e esfrega as mãos) Não disse? É calíça!

COELHO — Sabia, "seu" Rapôso, que o cofre de D. Marreca foi roubado?

RAPOSO (Fingindo espanto) — Não diga! Mas quem foi? Já sabem? Desconfiam de alguém?

MACACO — Não senhor, mas havia, lá dentro, pó de mico de ação retardada. E a esta hora quem estiver com as mãos coçando... é o ladrão.

RAPOSO (Começando a sentir coceira, disfarça) — Mas às vezes a gente se coça sem ser pó de mico.

MACACO — Mas eu sou macaco, "seu" Rapôso, e sei reconhecer quando uma coceira é de pó de mico.

COELHO — Não falha nunca. O compadre é grande conhecedor de bananas e pó de mico... (A coceira de "seu" Rapôso aumenta).

PATINHA — Está sentindo alguma coisa "seu" Rapôso?

RAPOSO — Heim?

COELHO — Que foi, "seu" Rapôso, coceira na mão?

MARRECA — Que significa tudo isto? Não entendo.

MACACO — Fique neste canto aí, D. Marreca, que agora a cobra vai fumar. "Seu" Rapôso! Confesse que roubou o cofre!

RAPOSO — Isto é uma calúnia. Juro que não roubei o cofre.

COELHO — Não jure falso que é feio, "seu" Rapôso.

MACACO — A prova é que sua mão está coçando.

RAPOSO — Não é prova coisa nenhuma, seu bôbo, que eu apanhei o cofre mas não abri.

MACACO, COELHINHO e PATINHA — Confessou!!!!

COELHO — Confessa que o cofre está com o senhor, heim?

RAPOSO — Que mancada que eu dei! (Tenta fugir) — (Corre-corre geral).

MACACO (Encurralando-o com a lata de pó de mico na mão) — Rendição incondicional ou pó de mico?

RAPOSO — Rendição incondicional... (Dona Marreca vai ao porta-guarda-chuva e apanha uma sombrinha).

MACACO — Bonito, heim, "seu" Rapôso.

PATINHA — Bonito nada. Muito feio é que é.

MARRECA (Caindo de sombrinha em cima do Rapôso) — Seu atrevido, seu valdevino, seu sujeito audacioso e petulante. Roubou o dote de minha sobrinha, não é? Pois tome, tome e tome...

PATINHA (Puxando D. Marreca enquanto Macaco e Coelho procuram salvar o Rapôso) — Calma titia. Olhe que a senhora pode ter um siricotico.

MARRECA — Ai, me segura que eu vou ter um troço. Vou ter o siricotico (Desmaia, sentam-na na cadeira com o pó de mico. Abanam todos, volta a si e começa a se mexer. Dança um "twist" por causa da coceira. Rapôso não pode conter o riso e é surpreendido por Dona Marreca) E ainda ri-se? (Avança outra vez — acompanhada pelos outros).

RAPOSO — Um momento. Eu não roubei o cofre.

MARRECA — E ainda tem a coragem, depois de tudo, de dizer que não roubou o cofre? Nas minhas barbas?

RAPOSO — Eu explico. Se eu tivesse roubado o cofre ele não estaria aqui.

TODOS — Aqui???

RAPOSO — Nesta sala.

PATINHA — Não é possível.

RAPOSO — Como veio parar esta mesa aqui nesta casa?

MARRECA — Foi um presente que o senhor me fez...

RAPOSO — Pois esta mesa tem um compartimento secreto. (Vai até a mesa e retira o cofre) Realmente eu me vinguei; mas dando uma lição na D. Marreca. E parece que a lição foi bem aprendida.

MARRECA — Não compreendo.

RAPOSO — A Senhora, com sua ambição desmedida já não estava mais enxergando um palmo adiante do nariz... (Dramático) Dona Marreca, eu estou apaixonado pela Senhora e ontem eu estava tentando, mas era pedir sua mão em casamento!

MARRECA — Oh, "seu" Raposo, nem sei o que diga...

PATINHA — Mil perdões, "seu" Raposo, mas o senhor sabe, com a mania da titia, eu pensei...

COELHO — E eu também...

MACACO — Que mancada nós demos, "seu"!

RAPOSO (Ajoelhando-se) — Diz, D. Marreca, que concorda em ser a dona do meu coração.

MARRECA (Está até tonta) — Mas caíndo de aceitar, "seu" Raposo. Ai, que eu fui desencalhada. (Desmria nos braços do Raposo, que a carrega para a cadeira).

TODOS — Na cadeira, não!

MARRECA (Volta a si) — Oh, estou tão emocionada que nem sei como agradecer...

RAPOSO — É fácil, D. Marreca. Consinta no casamento de D. Patinha com o "seu" Coelho.

MARRECA — Esta tudo muito bonito, muito chique, muito parisiense, — mas, — Patinha só casará depois que for "miss".

MACACO — Consinta.

MARRECA — Não.

RAPOSO — Consinta.

MARRECA — Não.

COELHO — Consinta.

MARRECA — Não.

PATINHA — Consinta.

MARRECA — Não.

TODOS — Consinta.

MARRECA — Não!!! — (Trenzinho pela sala com Dona Marreca à frente dizendo "não" a todos os "consinta". Até que ela pára).

MARRECA — N-A-O! Não, não e não. Já abri mão de muita coisa. Este é o meu último desejo... e meu último desejo vocês não podem negar. (Sai, majestática).

MACACO — Bonito, e agora?

RAPOSO — Vocês me permitem uma sugestão, já que estou na família?

MACACO — Chuta, compenheiro!

RAPOSO — O nosso problema agora é arranjar um título de "miss", aqui para a Patinha.

COELHO — Ora, até aí morreu néris fumando charuto.

RAPOSO — Deixem-me continuar. Nós aqui, pessoas de respeito, damos um título de "miss" à Patinha e aí D. Marreca fica muito satisfeita.

PATINHA — Não adianta, "seu" Raposo. Esse título tem que ser dado em concurso, senão ela não aceita... que a vizinhança vai comentar que houve marmelada... não, definitivamente, não serve.

COELHO — Mas, Patinha, um concurso verdadeiro leva tempo e você não pode mesmo entrar em nenhum concurso...

MACACO — Ai, ai, ai... (Dá um pulo).

TODOS — Que foi? Que foi?

MACACO — Tive uma idéia!

COELHO — Vê lá, heim compadre!

RAPOSO — Vê se essa idéia não tem pó de mico.

MACACO — Tem pó de inteligência. O que é preciso num concurso de "miss"?

PATINHA — Gente para votar.

COELHO — Gente para aplaudir.

MACACO — Pois é.

PATINHA — Ah, precisa de outras candidatas...

MACACO — Este é um concurso "bossanova". O concurso vai ser para escolher o título e não a "miss", moraram?

COELHO — Mais ou menos. E quem vai votar?

MACACO — Adivinha.

COELHO — Eu?

MACACO — Errou.

COELHO — Nós três?

MACACO — Errou outra vez.

RAPOSO — Quem, então?

PATINHA — Deixe de ser misterioso e fale logo, compadre.

MACACO — As flôres do jardim.

TODOS — As flôres do jardim?

MACACO — As flôres do jardim.

COELHO — Você ficou biruta, compadre?

MACACO — Nem um pouco. Acontece que hoje eu estou com a macaca, e quando eu estou com a macaca, idéia é que não falta. Olhem (Aponta para a platéia) Olhem o nosso jardim, rindo aí para nós, e vejam quantas flôres.

RAPOSO — Éta macaco danado.

COELHO — Agora explica a eleição, compadre.

MACACO — É mais ou menos como o jogo da berlinda. Vamos arranjar um título por concurso e o que ganhar fica sendo o título da

Patinha. Minha sugestão é: "miss" de Mentirinha!

COELHO — A minha é: "miss" Torrão de Açúcar!

RAPOSO — A minha é: "miss" Mimosa!

MACACO — Alguém aí tem mais sugestões? (Macaco e Raposo descem à platéia. Coelho se junta a eles após sentar Patinha. O movimento na platéia deve ser o maior possível. Após recolhidas tôdas as sugestões voltam ao palco e confabulam).

MACACO (Vindo à frente em tom circence) — E atenção macacada! (Dá um risinho envergonhado) Quer dizer, atenção pessoal! Agora que já temos as sugestões, vamos à segunda parte da eleição, que é a votação. A votação é por palmas. Vocês sabem bater palmas? (Demonstração afirmativa da garotada) Muito bem. Agora eu vou dizer as sugestões e vocês gostando, batam palmas. Atenção! Para... (Diz tôdas as sugestões, a partir dos títulos que os intérpretes disseram até serem tôdas votadas. Depois confabulam mais uma vez).

NOTA 1 — É interessante fazer um desempate entre os títulos mais aplaudidos.

NOTA 2 — O título vencedor deve sair da platéia. É a vitória e o reconhecimento da capacidade de escolha da criança.

MACACO — E atenção, ma... quer dizer, atenção pessoal! que vamos dar o resultado da eleição. Dona Patinha! Aproxime-se por favor. Dona Patinha! A senhora agora é "miss"... (Suspense), "miss"... "miss" (Título que ganhou na eleição — Todos aplaudem) — Mas acontece que quando nós dissermos à Dona Marreca que Dona Patinha é "miss", ela vai dizer que houve marmelada, que nós estamos querendo enganá-la, etc., etc. Por isso nós vamos precisar de uma Comissão para representar as flôres.

PATINHA — Eu quero meninas para representar as rosas...

COELHO — E eu, meninos para representar os cravos! (Sobem as crianças ao palco).

MACACO — Já que a comissão está toda pronta eu vou chamar Dona Marreca.

PATINHA — Mas tem que ser uma surpresa para titia.

COELHO — A gente faz paredinha, escondendo a comissão. Aí, nós damos a notícia...

RAPOSO — ... e apresentamos a comissão!

MACACO — Grande, pessoal! Ah, mas para a surpresa ser bem grande nós vamos treinar uma coisa. Quando eu disser: é 1, é 2, é 3, vocês vão dizer: "Dona Patinha é "Miss". Entenderam? Vamos treinar todo mundo: a comissão de cima e a comissão de baixo. Aten-

ção: é 1, é 1, é 3: "Dona Patinha é "Miss". (Esse treino é feito tantas vezes quantas forem necessárias) — Agora que a surpresa já está ensaiada eu vou chamar Dona Marreca. (As crianças ficam escondidas pela paredinha formada pelo Raposo, Coelho e Patinha. Macaco vai à porta da direita e grita pra dentro): Ó Dona Marreca, a senhora pode dar um pulinho aqui? (Corre para fazer parte da paredinha).

MARRECA (Entra majestática, muito séria) — Sim?

COELHO — Ih, que cara feia.

MACACO — Fale o senhor, "seu" Raposo.

RAPOSO — Pois não. Ilustríssima senhora Dona Marreca. Nós aqui presentes, reunidos nesta grande data em que se comemora...

COELHO — Ei, "seu" Raposo, êste não é o discurso que o senhor fez no centenário de "Bichópolis"?

RAPOSO — Só o começo, Coelho. Eu dizia... que se comemora uma das mais impolutas eleições aqui realizadas, temos a honra, o prazer, a alegria, a emoção de comunicar a V. Distinta Senhoria, que, sua graciosa sobrinha foi agraciada com o título de "miss" (...).

MARRECA — Mas como ela pode ser "miss"... se ela não saiu daqui e nem estava inscrita em nenhum concurso?

MACACO — Dona Patinha foi eleita pelas flôres do jardim.

MARRECA — Pelas flôres do jardim?

MACACO — Agora pessoal: 1, 2, 3. (Todos: D. Patinha é "Miss").

MARRECA — Mas que gracinha. (Olhando para o comissão).

RAPOSO — E esta é a comissão que representa as flôres que elegeram D. Patinha.

MACACO — Dona Marreca, a senhora aceita esta eleição?

MARRECA (Sorridente) — Aceito.

MACACO — Porque, Dona Marreca?

MARRECA — Com esta comissão tão linda, eu não poderia deixar de aceitar esta eleição.

COELHO — Palmas para a comissão, pessoal. (Coelho e Macaco ajudam a comissão a descer).

MARRECA — Agora sim, realizei o sonho de minha vida. Patinha é "miss". E você, Patinha, pode casar com o Coelhinho quando quiser. Ele é uma ótima pessoa. Melhor partido você não poderia arranjar.

MACACO — Uma salva de palmas para Dona Marreca.

MARRECA (Enquanto Raposo lhe beija a mão) — Oh, estou tão emocionada que acho



que vou ter um siricotico de tanta felicidade. (Desmaia) — (É posta na cadeira. Começa a se mexer. Freneticamente).

MACACO — Bonito! Ainda tem pó de mico na cadeira. (Marreca se levanta e começa a dançar o "twist" acompanhada por todos).

MACACO — Pára, pára, pára. Faltou a coroação!

COELHO — E Dona Marreca é quem vai coroar. (Sem Macaco e Coelho. Rapôso ajeita a sala para a coroação) — (Coelho traz a coroa e Macaco coloca o manto em Patinha. Esta senta. Vem Dona Marreca e põe a coroa. Fazem roda e cantam):

Dona Patinhã é "miss" -
Dona Marreca está feliz.
Tão orgulhosa foi, mas ninguém diz. } Bis
E a Patinha casou com quem quis. }
Com o Coelho

A moral desta história
É que da vida o grande bem
Não é riqueza, nem poder, nem glória
É o amor que se tem de alguém.

Vamos nos despedir
Pois é hora de partir.
Vamos sentir saudades tôda vez. (Bis
Em que pensarmos em todos vocês.)

F I M

Esta peça só poderá ser apresentada em espetáculo de qualquer natureza, seja por que processo fôr, mediante autorização prévia da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS, que representa o autor, na forma da lei.



(93)

DONA PATINHA VAI SER "MISS"

Peça infantil de ARTHUR MAIA

Estreada a 23 de outubro de 1965, no TEATRO MESBLA,
com o seguinte elenco:

MARRECA	Lavinia Duarte
PATINHA	Sheyla Juno
MACACO	Arthur Maia
COELHO	Fábio Camargo
RAPOSO	Roberto Meira

A temporada se estendeu, ininterruptamente, de 23 de outubro de 1965 a 27 de novembro de 1966, entrando em cartaz, simultaneamente, no Teatro de Bólso, a partir do dia 3 de abril de 1966.

Posteriormente, o papel de "DONA PATINHA" foi feito pelas atrizes: Tânia Scher e Sílvia Bené.

PERSONAGENS:

DONA MARRECA — Senhora vivaz e enérgica; sofisticada.

DONA PATINHA — Sobrinha de Dona Marreca; ingênua e gentil.

MACACO — Vivo, meio moleque, muito objetivo.

COELHO — Pretendente de Patinha; romântico, mas alegre.

ERNESTINO RAPOSO — Falso vilão, pomposo e precioso no falar e agir.

CENÁRIO: — Sala da casa de Dona Marreca. Decoração em motivos delicados e tons suaves. Porta de entrada à esquerda; porta para o interior da casa à direita. Mesa ao fundo, com telefone e o cofrinho de Dona Marreca; será totalmente coberta com um

pano, pois o Macaco ali ficará escondido e com ela se deslocará sem ser visto. Duas cadeiras em desenho e cores bem delicadas. Porta-chapéu à esquerda, onde estarão penduradas uma sombrinha e uma capa bem comprida.

DONA PATINHA VAI SER "MISS"

PRIMEIRO ATO

(Quando o pano sobe, Dona Marreca está entrando em cena, cantarolando e dançando, com uma moedinha na mão).

MARRECA — Li, lá, lá, ri, lá, lá... Até que enfim! Aqui está a última moeda que faltava para completar o dote de Patinha. (Põe a moeda no cofre) Com este dote, mais o título de "miss" que ela vai conseguir, ela poderá fazer um bom casamento. Durante um mês inteirinho os vizinhos não irão comentar outra coisa! Lá, rá, lá, ri, lá, ri, ri, rà...

PATINHA (Entrando, dando os últimos retoques nos cabelos e na roupa) — Titia, o Coelhoinho já chegou?

MARRECA (Enérgica) — Não sei o que esse Coelhoinho perdeu dentro desta casa. Não sai daqui. É o dia inteirinho num vai e vem que não pára. Ele e aquele amigo dele, o Macaco. E eu não gosto de "gentinha" dentro de casa.

PATINHA (Indignada) — O Coelhoinho não é gentinha: é um artista. Um dia, ele ainda há de ser muito famoso. E quanto ao Macaco é uma boa pessoa, bom amigo, tem excelente conversa...

MARRECA — Fala aos gritos... onde já se viu!

PATINHA — É o jeito dele...

MARRECA — Gentinha! Ele e esse Coelhoinho que está sempre com cara de quem esqueceu alguma coisa.

PATINHA — O que não faz diferença pra mim, porque é dele que eu gosto.

MARRECA — Não diga bobagens, menina! Ai, que eu vou ter um siricótico! (Dramática) Tantos sacrifícios que eu fiz para dar uma educação esmerada a esta menina. Os cursos que ela tem!... datilografia, corte-e-costura, culinária, bordados... — faz "frivolité" divina-men-te! — Pra no fim de tudo se casar com um... com um... com um artista! (Definitiva) E quando você for "miss"...

PATINHA — Não quero ser "miss" de coisa nenhuma!

MARRECA — Vai ser "miss", sim senhora! Qualquer "miss" serve; até "miss Nunca-

Sai-de-Casa". Ainda não vi uma "miss" que não tenha feito um bom casamento. E com um título de "miss" é só sentar e esperar, que bons partidos — ó — estão assim por aí. E com este dote que eu juntei, você vai ter um enxoval "ba-ca-nér-ri-mo" — oh, quer dizer... — um enxoval "pódre-de-chique". E além disso... (Toqué de campainha) — Meu Deus, quem será? Não estou esperando visita! (Alto) Quem é?

PATINHA (Alvorçada) — Será o Coelhoinho?

RAPOSO (De fora) — Ernestino Raposo, um criado às suas ordens.

MARRECA — Oh, é o "seu" Raposo! Um dos melhores partidos da cidade. Rico, educado... e bonito! Ai, ai... (Alteando a voz) Entre, faz favor, a casa é sua!

RAPOSO (Entrando) — Com suas licenças (Beija a mão da Marreca) Cada vez mais jovem, Dona Marreca. (Esta ri-se com gosto) Bons dias, bela Patinha!

MARRECA (Para Patinha) — Cumprimenta o moço!

PATINHA (Contrangida, faz uma reverência) — Bons dias.

RAPOSO — Permita-me ofertar estas modestas flôres como penhor de minha perene admiração! (Faz aparecer um buquê até então oculto às costas).

MARRECA (Recebendo o buquê) — Mas que gentil! Não devia se incomodar! (Autoritária, à Patinha, que o segura a contragosto) Tome, menina, agradeça!

RAPOSO (Meio confuso com esse pega de cá, passa pra lá) — Mas, Dona Marreca...!

MARRECA (Atalhando-o) — "Seu" Raposo, a que devemos a honra da sua visita? Mas sente-se, faz favor. (Oferece a cadeira).

RAPOSO (Faz menção de sentar-se) — Somente após as senhoras. (Marreca senta na cadeira que ofereceu; Patinha na outra. Raposo de pé entre as duas).

MARRECA — Oh, mas "seu" Raposo está de pé! (Levanta-se e vai sentar na cadeira anteriormente ocupada por Patinha. Patinha de pé entre os dois).



RAPOSO — Oh, mas Dona Patinha ficou de pé! Por favor! (Patinha senta. Raposo novamente entre as duas).

MARRECA — Oh, mas "seu" Raposo está de pé novamente! (Levanta-se para dar lugar ao Raposo e vai sentar na cadeira que Patinha desocupa. — Estes movimentos são repetidos até que a Marreca toma uma atitude).

MARRECA — Bem, "seu" Raposo, vamos resolver esse negócio das cadeiras!

PATINHA (À parte) — Acho bom!

MARRECA — Patinha e eu sentamos juntas nesta cadeira e o senhor naquela outra. (Aponta a cadeira) Faz favor.

RAPOSO — Após a senhora!

MARRECA — Após o senhor!

RAPOSO — Após a senhora! (Repetem estas falas várias vezes).

MARRECA — Após o senhor, por favor. O senhor é visita.

RAPOSO — Então sentemos ao mesmo tempo. (Ensam sentar umas três vezes. Lentamente se assentam, vigiando para que isto aconteça ao mesmo tempo).

(Raposo, constrangido, querendo falar alguma coisa. Marreca ansiosa, mas escondendo a impaciência, já está ficando aflita com a indecisão do Raposo).

MARRECA (Dando um risinho, puxando assunto) — Pois é, não é? Hé, hé, hé...! Calorão!

RAPOSO — É! Calorão...

MARRECA — É, calorão... mas agora até que está mais fresquinho!

RAPOSO — É, está mais fresquinho não há dúvida.

(Riso sêco dos dois. Falam ao mesmo tempo).

RAPOSO — Dona Marreca!

MARRECA — "Seu" Raposo!

(Riem outra vez)

RAPOSO — Fale a senhora: primeiro as damas!

MARRECA — Não, não, não, não, não! Primeiro o senhor, que é visita, e depois deve ter vindo aqui por algum bom motivo.

RAPOSO — Bem, Dona Marreca, já que a senhora insiste, o assunto que me traz aqui é... (Pausa) é... é matrimônio.

(Patinha se levanta num susto, fazendo menção de fugir para o interior da casa. Raposo se levanta também, meio sem entender, no que é acompanhado por Dona Marreca, que toma a frente de Patinha, e a faz voltar à cadeira).

MARRECA (Para a Patinha) — Senta!

(Sentam-se os três de uma vez).

MARRECA (Tôda solícita) — ...mas como o senhor ia dizendo...

RAPOSO (Pega a deixa) — Como eu ia dizendo... o assunto é matrimônio! (Pomposo e formal) E espero que a senhora tenha o mais favorável acolhimento às minhas pretensões.

MARRECA (Entusiasmada) — Lindas palavras! (Realentando a fala, meio beócia) ... embora eu não tenha entendido muito bem (Beócia total).

PATINHA (Levantando-se, já agora sem ser impedida) — Pois eu entendi tudo!

RAPOSO — Ah, se Dona Patinha entendeu já é meio caminho andado.

PATINHA — Entendi, sim, mas não concordo!

MARRECA (Aflita com o rumo da conversa) — Você não tem nada que se manifestar. (Agora, para Raposo) Desculpe a Patinha, "seu" Raposo. É que ela anda muito nervosa, coitada, porque vai ser "miss".

PATINHA — Não vou ser "miss" coisa nenhuma e nem quero me casar!

RAPOSO — Mas, Dona Patinha, deixe-me explicar minha situação...

PATINHA (Atalhando) — Não precisa explicar sua situação, "seu" Raposo, eu sei que o senhor é muito rico, mas não é riqueza que faz bom casamento. E além disso, não é de bom tom — excelentíssimo senhor Ernestino Raposo — fazer proposta de casamento a uma moça comprometida.

RAPOSO (Aflito) — Comprometida! Que história é essa de estar comprometida, Dona Marreca? Eu não sabia!

MARRECA (Sentando-se) — Não ligue, "seu" Raposo. Tôda esta história são criança-las de Patinha. (Querendo contornar o assunto) Porque quando Patinha fôr "miss"...

(Nisto irrompe o Macaco dando de passagem, um safanão no Raposo, que fica rodando meio tonto).

MACACO — Bons dias, caras senhoras. Meus respeitos. (Beija a mão de Dona Marreca. Vai até Patinha) Como vai, Dona Patinha? (Baixo) Tenho um recado do Coelho pra você.

PATINHA (Baixo) — Salve-me, compadre, que "seu" Raposo veio me pedir em casamento e titia já está tôda derretida.

MACACO — Pode deixar, Dona Patinha. Vou resolver este caso à minha moda. (Indo ao Raposo, que depois de dar muitas voltas foi amparado por Dona Marreca e sentado numa cadeira) Como vai essa fôrça "seu" Raposo?

(Raposo levanta-se pra cumprimentar o Macaco. Este recolhe a mão apontando noutra direção. Raposo não entende e vai sentar, meio

danado, mas o Macaco retira a cadeira do lugar e Rapôso se esborracha no chão. Levanta-se uma fera em tempo de ver o Macaco se preparando para sentar ao lado de Patinha. O Rapôso então, cuidadosamente, puxa a cadeira esperando o Macaco cair sentado, o que não acontece, porque o Macaco apoiou um braço na cadeira de Patinha, cruzou as pernas e desenhou o corpo em posição de sentado. Rapôso mais uma vez fica olhando sem entender, coloca a cadeira no lugar e faz menção de sentar, sem o fazer logo, inclinado para a frente, ainda fascinado pela posição insólita do Macaco. Dona Marreca, que até então rodava pela sala em desespero, dá conta também da posição do Macaco e vendo a cadeira desocupada, puxa-a para oferecê-la ao Macaco, no exato momento em que o Rapôso vai sentar-se. Este se esborracha no chão mais uma vez).

RAPOSO (Ainda no chão) — Até a senhora, Dona Marreca!

MARRECA (Correndo para o Rapôso) — Oh, "seu" Rapôso, deixe-me ajudá-lo.

RAPOSO — Posso me levantar sozinho. (Põe-se de quatro, depois fica de pé, com dificuldade) E retiro-me, Dona Marreca. Nunca fui tão insultado em minha vida. Até a senhora, que eu tinha em tão alto conceito, me decepcionou.

MARRECA — Mas, "seu" Rapôso!

RAPOSO — Passem bem! (Vai saindo mas ainda se volta) Todos!

(Quando está saindo definitivamente esbarra no Coelho, que vem entrando e volta de ré. O Macaco o apara com o traseiro e Rapôso sai "cantando cavaco" na direção do Coelho, que pulsa pro lado e grita — "Olé!")

RAPOSO (Só voz) — Isto não fica assim. Eu me vingarei e minha vingança será terrível. (Voz sumindo) Terrível... Terrível...

(Silêncio geral, súbitamente quebrado por Dona Marreca).

MARRECA — Oh, meu Deus, tudo por água abaixo...

MACACO — ... quando tudo ia por água acima...

MARRECA — Cale-se "seu" "mico" impertinente. (Para a Patinha) É nisso que dá botar "gentinha" dentro de casa.

MACACO — Alto lá, madame. Gentinha, não senhora. Fique sabendo que tenho sangue azul, embora seja muito democrático. Minha avó, Dona Mica da Silva, foi princesa.

MARRECA (Cética) — Princesa?

PATINHA e COELHO (Admirados) — Princesa?

MACACO — É. Minha avó foi princesa da Sociedade Recreativa, Dançante, Beneficente e

Familiar Flor de Bananeira. Só não foi rainha porque houve "marmelada"!

MARRECA — Ora, princesa de escola-de-samba...

MACACO — E daí? não foi princesa? E a senhora não quer que a Patinha seja "miss"? É a mesma coisa! (Marreca avança furiosa para êle) Ou quase...

MARRECA — Oh, seu atrevido! Dizer que "miss" é o mesmo que princesa de escola-de-samba! (Respira fundo) Eu não sei onde estou que não lhe dou uma boa resposta. (Conclusiva) Só não lhe dou uma boa resposta porque sou fina. (Saindo com dignidade) Uma dama!

(Coelho espantadíssimo com tudo que se passou, acompanha com o corpo a saída de Dona Marreca. Macaco ainda imita Dona Marreca).

MACACO — Como é, Coelho, não vai falar com sua noiva?

(Coelho cai em si, beija a mão de Patinha. São dois pombinhos arrulhando: risinhos de um lado, risinhos do outro. Típicos namorados envergonhados, só não são mais envergonhados do que o Macaco, que aprecia tudo, de lado, como se estivesse no lugar dos dois. Até que a situação se inverte: êle é surpreendido na imitação pelo casal. Dá um último risinho).

COELHO (Senta a Patinha e vai ao Macaco) — E agora, compadre? Que é que nós vamos fazer? Dona Marreca, pelo jeito, não vai voltar atrás na decisão de arranjar um bom casamento para Patinha. E você sabe que não sou rico...

MACACO — Ó Coelho, escuta aqui meu chapa! Se riqueza fôsse virtude, pobre não ia pro céu.

COELHO — Fala isso pra Dona Marreca, pra você ver!

PATINHA — A titia até que tem bom coração. Mas meteu lá na cabeça dela que eu tenho de fazer um bom casamento. E quando a titia cisma... E com essa história de "seu" Rapôso vir aqui...

MACACO (Rindo) — Por falar em "seu" Rapôso, êle saiu daqui uma fera.

PATINHA — E disse que ia se vingar.

COELHO — E que a vingança seria terrível!

PATINHA — Mas como êle iria se vingar de nós?

COELHO — Se êle se vingasse de Patinha não querendo mais se casar com ela, até que seria ótimo!

MACACO — Não seja ingênuo, Coelho. "Seu" Rapôso sempre consegue o que quer. E sempre faz o que diz. Homem de palavra tá ali!

COELHO (Desabafando) — Tudo por causa dessa mania de grandeza de Dona Marreca!

PATINHA (Reprovando-o amorosamente) — Coelhinho!

COELHO — Mas é verdade, Patinha. E essa ambição de juntar tanto dinheiro pra fazer um dote e ...

MACACO (Dando um pulo) — Aiii!!!

PATINHA — Está sentindo alguma coisa?

COELHO — O que foi? Diga!

MACACO — Aiii! Ali! Lá! (Aponta na direção do cofre).

PATINHA e COELHO — O cofre? Que é que tem?

PATINHA — Está no lugar de sempre.

MACACO — Pois é. Agora, acompanhem meu raciocínio: se vocês quizessem se vingar de Dona Marreca que é que vocês fariam?

COELHO — Eu roubaria o cofre com o dinheiro do dote...

MACACO — Pois é!

PATINHA e COELHO — Aiii!!!

MACACO — Viu?

PATINHA — Tem razão, compadre.

COELHO — Éta sujeito vivo, êsse Macaco. O compadre devia estar na polícia.

MACACO — É. Eu já fui, compadre, mas agora estou inteiramente dedicado ao negócio de bananas... (Macaco completamente absorvido, falando em bananas, compota de banana, geléia de bananas etc.).

COELHO — Ih, o compadre quando começa a falar em bananas até se esquece da vida. O compadre! Compadre!

MACACO (Assustado) — Heim?

COELHO — O caso do cofre!

MACACO — Que cofre?

COELHO — O cofre com o dote!

MACACO — Ai! Que eu ia me esquecendo! O negócio é a gente ficar de guarda no cofre.

COELHO — Até que seria uma boa idéia deixar o cofre ser roubado.

PATINHA — Ficou maluco, Coelhinho?

COELHO — Ué, se êle roubasse o cofre, você não teria mais dote e poderia casar com qualquer um! (Triunfal) Eu, por exemplo!

PATINHA — É, mas neste caso a titia ficaria tão desconsolada, coitada, que morreria de desgosto certamente.

COELHO — É. E aí é que ela não sossegava enquanto você não fôsse "miss".

PATINHA — Desculpe, Coelhinho, mas essa idéia não serve.

COELHO — Tem razão, ó flôr das Patinhas... (Numa respiração só, bem infantil) Peço desculpas pelo meu egoísmo e por não ter pensado em Dona Marreca que no fundo

até que é uma boa alma. (Amoroso) Me perdoa, meu torrão de açúcar?

PATINHA — Perdão sim, meu cravinho branco!

MACACO (Impaciente com o derretimento dos dois) — Ah, eu não perdoava! Eu não perdoava! Desculpe interromper êsse derretimento todo de cravinho branco pra cá, torrão de açúcar pra lá; mas nós temos que resolver logo êsse caso do cofre.

COELHO — Tem razão, compadre. (Pegando o mesmo tom infantil) Peço desculpas pelo meu egoísmo e por não ter pensado...

MACACO — Essa não, Coelho! Vai começar tudo de nôvo?

COELHO — Desculpe...

MACACO — Épa!

COELHO — Tá!

MACACO — Mas como eu ia dizendo, quando fui ligeiramente interrompido, o negócio é a gente ficar de guarda no cofre.

PATINHA — Mas titia não pode saber! Ela ficaria muito assustada! Aqui por estas bandas nunca houve roubos. Se ela souber que poderá haver roubo aqui dentro de casa, esta noite, é bem capaz de ela ter um síricotico na cabeça.

COELHO — Vamos fazer o seguinte: nós ficamos aí por fora; quando Dona Marreca dormir você assovia, nós entramos e passamos a noite aqui na sala tomando conta do cofre.

MACACO — Ótima idéia, seu Coelho. Até que você não é muito burro, não.

COELHO — Obrigado, compadre.

PATINHA — Então saiam logo que é pra titia não desconfiar!

COELHO — Até já, estrêla solitária do meu céu azul!

PATINHA (Suspirosa) — Ai, ai, até já, meu cravinho branco do meu jardim em flor.

(Macaco assiste impaciente êste nôvo derretimento. Imita irônicamente as primeiras frases dos dois, enquanto êles ficam se repetindo: — Até já! Até já! E vai saindo, passa pelo Coelho, dá-lhe um puxão e o leva).

PATINHA (Fechando a porta, lânguidamente) — Ai, ai, o Coelhinho é uma gracinha.

MARRECA (Só voz) — Ô Patinha, está na hora de dormir. (Entrando) Vá tomar seu leitinho e escovar os dentinhos que já é tarde.

PATINHA (Saindo) — Está bem, titia.

MARRECA — Amanhã tenho muito que fazer. Já pedi ao "seu" Cocoricó pra cantar às 4 horas, que eu preciso acordar bem cedo. (Elevando a voz) Ô Patinha!

PATINHA (Só voz) — Senhora, titia!

MARRECA — Já fechou tudo?



PATINHA (Voz) — Já, titia. E já estou me deitando. Estou com um sono!

MARRECA — Eu também.

PATINHA (Voz) — A bênção, titia!

MARRECA — Deus te abençoe, minha filha! Tão boazinha, essa minha sobrinha. Gosto dessa menina como se fosse minha filha. (Resoluta) Mas ela há de fazer um bom casamento! (Segura o cofre) E com este dote precioso que eu juntei pra ela, mais o título de "miss" que ela vai conseguir, não faltarão bons partidos. Como o "seu" Raposo, por exemplo: rico, educado e bonito... Ai, ai... Se me aparecesse um pretendente igual a ele, eu não hesitaria! Bem, deixa eu dormir que estou morta de sono. Daqui a pouco vou dormir em pé. (Sai bocejando).

(Sai luz branca, entra luz azul. Uma pausa. Entra Patinha de camisola, com uma vela. Vai até a porta da rua, abre-a e assovia. Entram Coelho e Macaco, fazendo "ssh") — (Nesta entrada derrubam cadeira, batem com os pés, fazendo mais algazarra que silêncio. Até que se acalmam).

PATINHA — Podem ficar à vontade aí. (Vai saindo. Para) Quando "seu" Cocoricó cantar saiam logo, porque a essa hora titia vai acordar.

COELHO — Está bem.

MACACO — Tá no ré.

PATINHA — Até amanhã, cravinho branquinho do meu jardim!

COELHO — Até amanhã, torrãozinho de açúcar!

MACACO (Gozador) — Acabamos de ouvir mais um capítulo da novela "O melado que se derreteu".

MACACO (Passa então a procurar o melhor meio de se acomodar à noite, enquanto o Coelho e Patinha ficam se dizendo: — Até amanhã!)

COELHO (Depois de Patinha sair) — Está se ajeitando para dormir, compadre?

MACACO (Juntou as duas cadeiras, fazendo uma espécie de cama) — Um pouco, não é? (Caindo em si da malícia do Coelho, levantando-se) Nãaaa! Mas conforto é bem e eu gosto.

COELHO (Peripatético) — Ih, tô com uma fome. Com essa confusão tôda nós nem jantamos. (Macaco se ajeita pra deitar).

MACACO — Se tivesse uma coisinha aí para a gente mastigar!... Uma banana, por exemplo!

COELHO — Agora é tarde, compadre... Patinha já está dormindo e ir até à cozinha no escuro é perigoso. A gente pode tropeçar em alguma coisa, faz um barulhão, Dona Mar-

reca acorda e lá se vai nosso plano por água abaixo.

MACACO — Eu com tantas bananas lá em casa e passando fome aqui.

COELHO — Ei, compadre, tive uma idéia.

MACACO — Chuta, companheiro.

COELHO — Eu vou até lá em casa e faço uma merenda rápido. Quando eu voltar é a sua vez de ir em casa comer as suas bananinhas.

MACACO — Ótima idéia, compadre. Mas vai logo que o meu estômago está roncando. (Se ajeita outra vez em posição de dormir).

COELHO — Até já. Vou num pé e volto noutro. (Repara no Macaco deitado outra vez) Não vai dormir não, heim, compadre!

MACACO (Mudando de posição) — Pode deixar.

COELHO — Até já.

MACACO — Até já. Compadre! Cuidado com o degrau.

COELHO (Fora) — Que degrau?

(Tremendo barulho. Macaco se levanta assustado. De dentro, Dona Marreca pergunta à Patinha que barulho foi aquele. Macaco então mia feito gato. Patinha explica que são os gatos. "Marreca come a baleia". Macaco se ajeita pra dormir outra vez, depois de umas quedas das cadeiras. Dorme, que até ronca. O Raposo entra sorrateiramente. Vai até o Macaco e o sacode um pouco. Macaco muda de posição mas continua dormindo. Raposo vai cautelosamente até a mesa e apanha o cofre. Volta pra ver se o Macaco ainda está dormindo. Tropeça numa cadeira. O Macaco desaba das cadeiras e levanta-se ainda sonolento. Raposo dá com o telefone na cabeça do Macaco. Está desmaia nos braços do Raposo).

RAPOSO — E agora? Que é que eu vou fazer com ele? Ah, já sei. (Coloca o Macaco debaixo da mesa).

NOTA — Neste momento, sem que a platéia perceba, o cofre passa das mãos do Raposo para as mãos do Macaco.

RAPOSO — Deixa eu trancar a porta que pode aparecer alguém. (Fecha a porta. Põe a sala em ordem. Quando vai sair, ouve a voz do Coelho).

COELHO (Fora) — Compadre! Compadre Macaco! Abra a porta! (Raposo vai até à porta e a destranca. Pega a capa que está no porta-chapéu e a põe na cabeça, feito fantasma) — Ai, ai, ai, ai, ai, ai. Vai ver que ele pegou no sono. (Entrando) Engraçado, eu pensava que a porta estava fechada! (Vê as cadeiras vazias) Será que o compadre saiu sem me

esperar? (Pega uma cadeira e a leva para o proscênio, à direita. Quando vai sentar ouve e vê o Rapôso que agita os braços feito assombração. Dá um grito e cai desmaiado na cadeira. Rapôso cobre o Coelho com a capa e sai correndo quando ouve a gritaria das mulheres assustadas com o barulho).

MARRECA (Entrando seguida de Patinha que traz um castiçal com vela acesa) — Que barulheira é essa, gente? O que está havendo aqui? (Coelho se mexe gemendo e agitando os braços, as duas se assustam e gritam).

COELHO (Descobrimdo-se) — Sou eu, D. Marreca, o Coelho!

MARRECA — Que é que você está fazendo aqui?

COELHO — Tomando conta do seu cofre-zinho.

PATINHA — É sim, titia!

MARRECA — Não sei porque, onde já se viu! Nunca houve roubos por estas bandas e o meu cofre está em perfeita segurança aqui em cima da... (Vê a mesa sem o cofre) Uai! Onde está o meu cofre? (Avança furiosa para o Coelho) Exijo uma explicação já, neste momento, agora. Que é que você fez com meu rico cofre?

PATINHA — Titia! O Coelhoinho e o Macaco estavam cheios de cuidados pelo seu cofre-zinho e se ofereceram para ficar tomando conta dele e não acontecesse nada!

COELHO — Ai, eu fui até em casa e quando voltei o Macaco não estava mais aqui!

MARRECA — Então foi ele, o fingido, quem roubou o meu rico cofre! Ah, se eu o pego! Dou-lhe uma surra de guarda-chuva, ah, se dou!

COELHO — Não foi o compadre quem roubou o cofre, não! Boto a minha mão no fogo por ele. Foi um fantasma que levou o cofre. Eu vi com estes olhos que a terra há de comer. Era horrível! Tinha muitos braços. Uma coisa medonha, Dona Marreca, e como gemia... (Nisto o Macaco começa a gemer. Todos se olham sem saber donde vêm os gemidos. De repente a mesa começa a andar, com telefone, vela e tudo. Os três apavorados correm em tôdas as direções enquanto a mesa se desloca pelo palco até que os três desmaiam simultaneamente).

MACACO (Saindo de sob a mesa) — Ué, uái, que é que houve aqui? Ué, uái, desmaiaram. Vou buscar um pouco de água pra jogar nêles. (Sai. Volta com um balde. Falha pontaria. Berra. A água vai em cima da platéia: —

Papel celofane picado. Começam acordar meio assustados. Confusão geral).

MACACO — Calma pessoal, não foi nada não! Sou eu, gente, o compadre.

MARRECA — Que noite seu Macaco, que noite! Mais um susto destes e eu tenho um siricotico!

COELHO — Foi fantasma, compadre. Foi fantasma, eu vi!

PATINHA — É sim, compadre, eu também!

MACACO — Um de cada vez!

PATINHA — Sumiu o cofre-zinho da titia!

COELHO — Foi o fantasma que levou!

MARRECA — E eu cheguei a pensar que havia sido o senhor! Nós não vimos o senhor por aqui!

MACACO — Pois eu estava aqui o tempo todo!

PATINHA — Onde?

MACACO — Debaixo da mesa, e com um bruto galo na testa!

COELHO — Ha, ha, ha! Então era você que estava mexendo com a mesa?

MARRECA — Que susto o senhor nos deu, compadre!

COELHO — É... mas o que eu vi primeiro era fantasma!

MACACO — Primeirissimamente, fantasma não existe: só na imaginação de quem tem medo. E segundo, fantasma não rouba cofres. Portan-t-o-tó, o ladrão é gente: carne e osso.

COELHO — Então vamos dar uma batida por aí que talvez a gente encontre alguma pista.

MACACO — Certo, Coelho. Minhas senhoras! Podem dormir sossegadas que mais nada lhes acontecerá. Boas noites e durmam tranquilas.

MARRECA — Muito obrigada, compadre.

COELHO (Beijando a mão de D. Marreca) — Boa noite, minha senhora. E desculpe alguma coisa...

MARRECA — Boa noite, Coelhoinho (Saindo com a vela) Até que esse Coelhoinho é bem simpático. (Sai). — (Surge cara de Patinha à esquerda e cara de Coelho à direita).

PATINHA — Até amanhã, meu cravinho branco!

COELHO — Até amanhã, minha cocada de jasmim.

MACACO (Só voz, gozador) — Até amanhã, cravinho branco; até amanhã minha cocada de jasmim! Eu, heim?

(FIM DO PRIMEIRO ATO)

SEGUNDO ATO

(É de manhã. Dona Marreca fala ao telefone).

MARRECA — Pois é, prima Gansa, uma tragédia, um drama, uma desgraça. Não sei o que faço. Já perdi até o "rebolado", ó, quer dizer, o encanto da vida. Se não fôsse por Patinha...

MACACO (Entrando) — Com licença, D. Marreca! Boa tarde.

MARRECA (Estendendo-lhe a mão, que ele beija) — Pois é isso, querida. É o que eu digo sempre: minha vida é um romance. Olha: eu telefono depois. Agora estou com visita. Tchau, tchau, tchau, tchau... (Voltando-se para o Macaco — Trágica!) Oh, compadre Macaco, esta tragédia que se abateu sobre minha vida é a gota d'água que vai transbordar meu cálice de amargura.

MACACO — Bonito, D. Marreca! Mas há sinceridade nisso? Se não fôsse essa sua tremenda ambição, nada disso teria acontecido. (Dona Marreca tenta responder, mas só consegue balbuciar: mas, mas, mas...) Eu não tenho nada com sua vida, D. Marreca, a senhora me desculpe, mas "poleiro de marreca é no chão". A senhora quis fazer o poleiro muito alto e — ó — esburrachou-se no chão como uma jaca madura.

MARRECA — Olhe, compadre, nunca ninguém me havia falado deste modo. E de ontem pra hoje aprendi muita coisa. A dedicação e a sinceridade do compadre e do Coelhoinho me fizeram compreender que dinheiro e posição social podem ser bons, quando se os tem; mas não são virtudes. E virtude é o que importa.

MACACO — Beijo-lhe as mãos, D. Marreca. Agora sim, a senhora é realmente uma grande dama.

MARRECA (Retomando um pouco do antigo tom) — Mas o dinheiro tem que aparecer; nem que eu o gaste todo em pipocas, mas tem que aparecer.

COELHO (De fora, gritando) — Pode-se entrar?

MARRECA — Entre, a casa é sua.

COELHO — Bons dias, D. Marreca (Beija-lhe a mão) o compadre disse que... (Nisto o Macaco que havia se escondido, aparece com a mesma capa de fantasma. Dá um pulo na frente do Coelho. Este dá um berro e desmaia .. nos braços de Dona Marreca).

MARRECA — Que maldade, "seu" Macaco! Assustando o pobrezinho deste modo, tão bonzinho, coitadinho!

COELHO (Acordando) — É ele, outra vez ! (Agitado).

MACACO — Ó Coelho, foi uma brincadeira que eu fiz. Botei o pano na cabeça e fiz: Buuuuuuuuuu.

COELHO — Mas foi isso mesmo que eu vi ontem.

MACACO — Ah, é? Humm... Agora estou começando a perceber muitas coisas.

MARRECA — Com licença, que eu vou me aprontar: estou horrível assim. Com licença... Fiquem à vontade. (Para dentro) Ó Patinha, venha fazer companhia aos cavalheiros, — com licença, com licença (Sai).

COELHO — Puxa, como D. Marreca está mudada!

MACACO (Inocente) — É. Não é?

PATINHA — Muitos bons dias, compadre Macaco. Bons dias, meu cravinho branco.

MACACO — Ih, mais um capítulo da novela "O melado que se derreteu"... Olhem, eu acho que sei como foi o roubo. Prestem atenção e sigam-me. O ladrão, quando entrou aqui, me viu sentado — um pouco distraído — aí ele me acertou com o telefone, pegou o cofre e quando ia sair viu que o Coelhoinho estava chegando. — Que faz ele? (Pausa) Que estão vocês fazendo?

COELHO — Ora, seguindo, você não disse: "Prestem atenção e sigam-me"?

PATINHA — É.

MACACO — Eu disse para seguir meu raciocínio! Continuando: aí ele pôe tudo em ordem e me pôe debaixo da mesa; depois esconde-se atrás da porta, cobre a cabeça com aquele pano (Macaco dá um pulo) e dá-lhe um bruto susto. (Coelho grita e cai nos braços do Macaco). O Coelhoinho desmaia e o ladrão sai calmamente com o cofre de D. Marreca.

PATINHA — Compadre, você é um gênio.

COELHO — Olha, compadre, eu concordo com você; e acho que o ladrão só pode ser o "seu" Ernestino Rapôso!

PATINHA — Imagine, um senhor tão distinto!

MACACO — Se o "seu" Rapôso é ou não o ladrão, eu vou descobrir com isso aqui. (Mostra uma lata de talco) Genuíno pó de mico concentrado. Receita de minha tia, a Macaca Sofia.

PATINHA — Não estou entendendo...

COELHO — Nesta morei. O compadre vai dizer para o "seu" Rapôso — como quem não quer nada — que havia pó de mico dentro do cofre e que a pessoa que roubou o cofre vai sentir uma coceira nas mãos. Mas antes o

compadre vai passar pó de mico nas mãos do Rapôso.

PATINHA — E como é que vocês vão passar pó de mico nas mãos dele, sem êle desconfiar?

MACACO — Êste é que é o "X" do problema. (Todos tentam achar uma solução) Ah, já sei. Joga-se um pouco dêste prodigioso pó de mico concentrado na cadeira, convida-se o Rapôso para sentar; quando êle já estiver sentando a gente diz: "Um momento "seu" Rapôso, tem poeira na cadeira" — Aí êle limpa a cadeira com a mão e, — ó — pó de mico. (O Coelho e Patinha fazem a pantomima de tôda a explicação do Macaco).

COELHO — Grande, compadre.

PATINHA — Mas, a titia não pode saber de nada. Ela tem o "seu" Rapôso em grande consideração.

COELHO — Agora é só esperar o distinto. (Sai pulando e cantando. Só a princípio, depois acompanhado pelos outros fazendo roda) Vamos pegar o ladrão, vamos... etc. (Entra Rapôso, com grande dignidade. Os três disfarçam).

RAPOSO — Bons dias. Bons dias, D. Patinha. (Beija-lhe as mãos) Bons dias, cavalheiros. (Faz mesuras que são correspondidas) A ilustríssima senhora Dona Marreca está?

PATINHA — Um momentinho "seu" Rapôso, que eu vou chamá-la. (Faz pequena reverência e, sem sair de cena, fala) Titia, "seu" Rapôso está aí!

MARRECA (Só voz) — Estou indo. (Já em cena) Pronto, cheguei. "Seu" Rapôso, quanta honra! (O Rapôso beija-lhe a mão e oferece-lhe um buquê, dêstes cujas flôres surgem de repente) Oh, quanta gentileza! Não precisava se incomodar. Mas sente, por favor. (Macaco joga pó de mico na cadeira em que o Rapôso vai sentar-se).

RAPOSO — Primeiro as damas, faço questão. (Puxa, D. Marreca para sentar na cadeira. Macaco e Coelho trocam as cadeiras depressa).

MARRECA — Não senhor, primeiros as visitas. (Puxa, Rapôso para a cadeira. As cadeiras são trocadas apressadamente. — As cadeiras são trocadas enquanto duram as amabilidades. Até que Marreca faz menção de sentar-se) Então sentemos ao mesmo tempo. (Quando Rapôso vai sentar-se, Patinha dá um grito).

PATINHA — Um momento, "seu" Rapôso. Tem poeira na sua cadeira. Vou limpar. (Faz menção de que vai buscar um espanador).

RAPOSO — Deixe, que eu mesmo limpo. (Grande expectativa. Macaco mete a cara quase que no assento da cadeira, Rapôso faz

que vai limpar com a mão, mas no último momento puxa de um lenço e sacode o pó na cara do Macaco, que pula feito um doido).

MARRECA — Que é que deu no compadre?

RAPOSO — Coisa esquisita.

COELHO (Tenta salvar as aparências) — Ê que êle estava fazendo a demonstração de uma nova dança, antes do senhor chegar, e agora êle está dançando de nôvo, pro senhor ver. — Não é, Patinha?

PATINHA — Ê, sim!

RAPOSO — Dança esquisita! (Para a Marreca) O que não faz a mocidade de hoje!

MARRECA — Ê o que eu digo sempre, seu Rapôso! (Coelho empurra Macaco para o interior da casa, para êle se coçar à vontade. Rapôso se levanta e começa pequeno discurso).

RAPOSO — D. Marreca, eu queria me desculpar pelo meu procedimento de ontem. Estou sinceramente arrependido e envergonhado, por ter perdido a calma.

MARRECA — Ora, "seu" Rapôso, está desculpado. Afinal de contas o senhor não tem sangue de barata, não é? (Rapôso vai beijar as mãos da Marreca).

RAPOSO — Eu queria me desculpar também com D. Patinha, com o senhor Macaco... (Procura na sala) Êle saiu?

COELHO — Não! Foi beber um pouco de água. Foi (Para dentro) Ó compadre, quando acabar de beber sua água, traz um copo para mim.

MACACO (Entrando) — Que água?

COELHO (Empurrando-o de volta) — Quando você saiu foi para beber água, não foi?

MACACO — Ah, é? (Morando no assunto) Ah, é!!! (Sai).

PATINHA — Distraído, o compadre.

MACACO (Voltando com um copo) — Aqui está a água! (Sem querer pisa no pé do Coelho, que sai pulando pela sala. Macaco entrega o copo à Patinha e vai ajudá-lo. Patinha põe o copo em cima da cadeira e vai solícita ao Coelho).

COMPADRE — Ai, que o compadre pisou no meu calo de estimação. (Vai sentar na outra cadeira, cercado por todos, menos o Macaco).

MACACO — Por via das dúvidas deixa pôr mais pó de mico nesta cadeira. (Põe pó sem prestar atenção ao copo).

MARRECA — Beba água, Coelhinho, que passa...

COELHO — Boa idéia.

PATINHA (Apanha o copo sem perceber o pó) — Toma, Coelhinho.



MACACO (Vê Patinha apanhar o copo da cadeira. Quando percebe que é para o Coelho beber procura impedir — Coelhinho! (Mas é tarde, Coelho já está bebendo a água) Ih, é agora! (Patinha sem saber o que foi, Macaco explica por gestos o desastre. Patinha se apavora. Coelho amparado por Macaco e Patinha sente os efeitos do pó na água. Faz uma dança louca acompanhado pelos dois. É um verdadeiro "pas de trois". Daí ele plora e faz acrobacias em dupla com o Macaco, até que aos poucos vai melhorando. Macaco vai distrair D. Marreca para outra tentativa do plano, Patinha encarrega-se do Rapôso).

MACACO — Ó D. Marreca, que beleza êsse telefone.

MARRECA (Caindo no truque) — Ah, é uma antiguidade que comprei na casa "Tempo do Onça". (Continua gesticulando de costas para o resto do pessoal).

PATINHA — Mas, sente-se "seu" Rapôso.. Mas, oh, com tanta agitação já tem poeira outra vez na cadeira. Fico até envergonhada. O senhor poderá pensar que não varremos a casa.

RAPOSO — Qual nada... Isto deve ser calça caída do teto. (Passa a mão e esfrega as mãos) Não disse? É calça!

COELHO — Sabia, "seu" Rapôso, que o cofre de D. Marreca foi roubado?

RAPOSO (Fingindo espanto) — Não diga! Mas quem foi? Já sabem? Desconfiam de alguém?

MACACO — Não senhor, mas havia, lá dentro, pó de mico de ação retardada. E a esta hora quem estiver com as mãos coçando... é o ladrão.

RAPOSO (Começando a sentir coceira, disfarça) — Mas às vezes a gente se coça sem ser pó de mico.

MACACO — Mas eu sou macaco, "seu" Rapôso, e sei reconhecer quando uma coceira é de pó de mico.

COELHO — Não falha nunca. O compadre é grande conhecedor de bananas e pó de mico... (A coceira de "seu" Rapôso aumenta).

PATINHA — Está sentindo alguma coisa "seu" Rapôso?

RAPOSO — Heim?

COELHO — Que foi, "seu" Rapôso, coceira na mão?

MARRECA — Que significa tudo isto? Não entendo.

MACACO — Fique neste canto aí, D. Marreca, que agora a cobra vai fumar. "Seu" Rapôso! Confesse que roubou o cofre!

RAPOSO — Isto é uma calúnia. Juro que não roubei o cofre.

COELHO — Não jure falso que é feio, "seu" Rapôso.

MACACO — A prova é que sua mão está coçando.

RAPOSO — Não é prova coisa nenhuma, seu bôbo, que eu apanhei o cofre mas não abri.

MACACO, COELHINHO e PATINHA — Confessou!!!!

COELHO — Confessa que o cofre está com o senhor, heim?

RAPOSO — Que mancada que eu dei! (Tenta fugir) — (Corre-corre geral).

MACACO (Encurralando-o com a lata de pó de mico na mão) — Rendição incondicional ou pó de mico?

RAPOSO — Rendição incondicional... (Dona Marreca vai ao porta-guarda-chuva e apanha uma sombrinha).

MACACO — Bonito, heim, "seu" Rapôso.

PATINHA — Bonito nada. Muito feio é que é.

MARRECA (Caindo de sombrinha em cima do Rapôso) — Seu atrevido, seu valdevino, seu sujeito audacioso e petulante. Roubou o dote de minha sobrinha, não é? Pois tome, tome e tome...

PATINHA (Puxando D. Marreca enquanto Macaco e Coelho procuram salvar o Rapôso) — Calma titia. Olhe que a senhora pode ter um sircotico.

MARRECA — Ai, me segura que eu vou ter um troço. Vou ter o sircotico (Desmaia, sentam-na na cadeira com o pó de mico. Abanam todos, volta a si e começa a se mexer. Dança um "twist" por causa da coceira. Rapôso não pode conter o riso e é surpreendido por Dona Marreca). E ainda ri-se? (Avança outra vez — acompanhada pelos outros).

RAPOSO — Um momento. Eu não roubei o cofre.

MARRECA — E ainda tem a coragem, depois de tudo, de dizer que não roubou o cofre? Nas minhas barbas?

RAPOSO — Eu explico. Se eu tivesse roubado o cofre ele não estaria aqui.

TODOS — Aqui???

RAPOSO — Nesta sala.

PATINHA — Não é possível.

RAPOSO — Como veio parar esta mesa aqui nesta casa?

MARRECA — Foi um presente que o senhor me fez...

RAPOSO — Pois esta mesa tem um compartimento secreto. (Vai até a mesa e retira o cofre) Realmente eu me vinguei; mas dando uma lição na D. Marreca. E parece que a lição foi bem aprendida.

MARRECA — Não compreendo.

RAPOSO — A Senhora, com sua ambição desmedida já não estava mais enxergando um palmo adiante do nariz... (Dramático) Dona Marreca, eu estou apaixonado pela Senhora e ontem eu estava tentando, mas era pedir sua mão em casamento!

MARRECA — Oh, "seu" Raposo, nem sei o que diga...

PATINHA — Mil perdões, "seu" Raposo, mas o senhor sabe, com a mania da titia, eu pensei...

COELHO — E eu também...

MACACO — Que mancada nós demos, "seu"!...

RAPOSO (Ajoelhando-se) — Diz, D. Marreca, que concorda em ser a dona do meu coração.

MARRECA (Está até tonta) — Mas caindo de aceitar, "seu" Raposo. Ai, que eu fui desencalhada. (Desmoria nos braços do Raposo, que a carrega para a cadeira).

TODOS — Na cadeira, não!

MARRECA (Volta a si) — Oh, estou tão emocionada que nem sei como agradecer...

RAPOSO — É fácil, D. Marreca. Consinta no casamento de D. Patinha com o "seu" Coelho.

MARRECA — Está tudo muito bonito, muito chique, muito parisiense, — mas, — Patinha só casará depois que for "miss".

MACACO — Consinta.

MARRECA — Não.

RAPOSO — Consinta.

MARRECA — Não.

COELHO — Consinta.

MARRECA — Não.

PATINHA — Consinta.

MARRECA — Não.

TODOS — Consinta.

MARRECA — Não!!! — (Trenzinho pela sala com Dona Marreca à frente dizendo "não" a todas as "consinta". Até que ela pára).

MARRECA — N-ã-o! Não, não e não. Já abri mão de muita coisa. Este é o meu último desejo... e meu último desejo vocês não podem negar. (Sai, majestática).

MACACO — Bonito, e agora?

RAPOSO — Vocês me permitem uma sugestão, já que estou na família?

MACACO — Chuta, companheiro!

RAPOSO — O nosso problema agora é arranjar um título de "miss", aqui para a Patinha.

COELHO — Ora, até aí morreu néris fumando charuto.

RAPOSO — Deixem-me continuar. Nós aqui, pessoas de respeito, damos um título de "miss" à Patinha e aí D. Marreca fica muito satisfeita.

PATINHA — Não adianta, "seu" Raposo. Esse título tem que ser dado em concurso, senão ela não aceita... que a vizinhança vai comentar que houve marmelada... não, definitivamente, não serve.

COELHO — Mas, Patinha, um concurso verdadeiro leva tempo e você não pode mesmo entrar em nenhum concurso...

MACACO — Ai, ai, ai... (Dá um pulo).

TODOS — Que foi? Que foi?

MACACO — Tive uma idéia!

COELHO — Vê lá, heim compadre!

RAPOSO — Vê se essa idéia não tem pó de mico.

MACACO — Tem pó de inteligência. O que é preciso num concurso de "miss"?

PATINHA — Gente para votar.

COELHO — Gente para aplaudir.

MACACO — Pois é.

PATINHA — Ah, precisa de outras candidatas...

MACACO — Este é um concurso "bossanova". O concurso vai ser para escolher o título e não a "miss", moraram?

COELHO — Mais ou menos. E quem vai votar?

MACACO — Adivinha.

COELHO — Eu?

MACACO — Errou.

COELHO — Nós três?

MACACO — Errou outra vez.

RAPOSO — Quem, então?

PATINHA — Deixe de ser misterioso e fale logo, compadre.

MACACO — As flôres do jardim.

TODOS — As flôres do jardim?

MACACO — As flôres do jardim.

COELHO — Vccê ficou biruta, compadre?

MACACO — Nem um pouco. Acontece que hoje eu estou com a macaca, e quando eu estou com a macaca, idéia é que não falta. Olhem (Aponta para a platéia) Olhem o nosso jardim, rindo aí para nós, e vejam quantas flôres.

RAPOSO — Éta macaco danado.

COELHO — Agora explica a eleição, compadre.

MACACO — É mais ou menos como o jogo da berlinda. Vamos arranjar um título por concurso e o que ganhar fica sendo o título da

Patinha. Minha sugestão é: "miss" de Mentirinha!

COELHO — A minha é: "miss" Torção de Açúcar!

RAPOSO — A minha é: "miss" Mimosa!

MACACO — Alguém aí tem mais sugestões? (Macaco e Raposo descem à platéia. Coelho se junta a eles após sentar Patinha. O movimento na platéia deve ser o maior possível. Após recolhidas todas as sugestões voltam ao palco e confabulam).

MACACO (Viado à frente em tom circense) — E atenção macacada! (Dá um risinho envergonhado) Quer dizer, atenção pessoal! Agora que já temos as sugestões, vamos à segunda parte da eleição, que é a votação. A votação é por palmas. Vocês sabem bater palmas? (Demonstração afirmativa da garotada) Muito bem. Agora eu vou dizer as sugestões e vocês gostando, batam palmas. Atenção! Para... (Diz todas as sugestões, a partir dos títulos que os intérpretes disseram até serem todas votadas. Depois confabulam mais uma vez).

NOTA 1 — É interessante fazer um desempate entre os títulos mais aplaudidos.

NOTA 2 — O título vencedor deve sair da platéia. É a vitória e o reconhecimento da capacidade de escolha da criança.

MACACO — E atenção, ma... quer dizer, atenção pessoal! que vamos dar o resultado da eleição. Dona Patinha! Aproxime-se por favor. Dona Patinha! A senhora agora é "miss"... (Suspense), "miss"... "miss" (Título que ganhou na eleição — Todos aplaudem) — Mas acontece que quando nós dissermos à Dona Marreca que Dona Patinha é "miss", ela vai dizer que houve marmelada, que nós estamos querendo enganá-la, etc., etc. Por isso nós vamos precisar de uma Comissão para representar as flôres.

PATINHA — Eu quero meninas para representar as rosas...

COELHO — E eu, meninos para representar os cravos! (Sobem as crianças ao palco).

MACACO — Já que a comissão está toda pronta eu vou chamar Dona Marreca.

PATINHA — Mas tem que ser uma surpresa para titia.

COELHO — A gente faz paredinha, escondendo a comissão. Aí, nós damos a notícia...

RAPOSO — ... e apresentamos a comissão!

MACACO — Grande, pessoal! Ah, mas para a surpresa ser bem grande nós vamos treinar uma coisa. Quando eu disser: é 1, é 2, é 3, vocês vão dizer: "Dona Patinha é "Miss". Entenderam? Vamos treinar todo mundo: a comissão de cima e a comissão de baixo. Aten-

ção: é 1, é 1, é 3: "Dona Patinha é "Miss". (Esse treino é feito tantas vezes quantas forem necessárias) — Agora que a surpresa já está ensaiada eu vou chamar Dona Marreca. (As crianças ficam escondidas pela paredinha formada pelo Raposo, Coelho e Patinha. Macaco vai à porta da direita e grita pra dentro): Ó Dona Marreca, a senhora pode dar um pulinho aqui? (Corre para fazer parte da paredinha).

MARRECA (Entra majestática, muito séria) — Sim?

COELHO — Ih, que cara feia.

MACACO — Fale o senhor, "seu" Raposo.

RAPOSO — Pois não. Ilustríssima senhora Dona Marreca. Nós aqui presentes, reunidos nesta grande data em que se comemora...

COELHO — Ei, "seu" Raposo, este não é o discurso que o senhor fez no centenário de "Bichópolis"?

RAPOSO — Só o começo, Coelho. Eu dizia... que se comemora uma das mais impolutas eleições aqui realizadas, temos a honra, o prazer, a alegria, a emoção de comunicar a V. Distinta Senhoria, que, sua graciosa sobrinha foi agraciada com o título de "miss" (...).

MARRECA — Mas como ela pode ser "miss"... se ela não saiu daqui e nem estava inscrita em nenhum concurso?

MACACO — Dona Patinha foi eleita pelas flôres do jardim.

MARRECA — Pelas flôres do jardim?

MACACO — Agora pessoal: 1, 2, 3. (Todos: D. Patinha é "Miss").

MARRECA — Mas que gracinha. (Olhando para o comissão).

RAPOSO — E esta é a comissão que representa as flôres que elegeram D. Patinha.

MACACO — Dona Marreca, a senhora aceita esta eleição?

MARRECA (Sorridente) — Aceito.

MACACO — Porque, Dona Marreca?

MARRECA — Com esta comissão tão linda, eu não poderia deixar de aceitar esta eleição.

COELHO — Palmas para a comissão, pessoal. (Coelho e Macaco ajudam a comissão a descer).

MARRECA — Agora sim, realizei o sonho de minha vida. Patinha é "miss". E você, Patinha, pode casar com o Coelhinho quando quiser. Ele é uma ótima pessoa. Melhor partido você não poderia arranjar.

MACACO — Uma salva de palmas para Dona Marreca.

MARRECA (Enquanto Raposo lhe beija a mão) — Oh, estou tão emocionada que acho

que vou ter um siricotico de tanta felicidade.
(Desmaia) — (É posta na cadeira. Começa a se mexer. Freneticamente).

MACACO — Bonito! Ainda tem pó de mico na cadeira. (Marreca se levanta e começa a dançar o "twist" acompanhada por todos).

MACACO — Pára, pára, pára. Faltou a coroação!

COELHO — E Dona Marreca é quem vai coroar. (Sem Macaco e Coelho. Rapôso ajeita a sala para a coroação) — (Coelho traz a coroa e Macaco coloca o manto em Patinha. Esta senta. Vem Dona Marreca e põe a coroa. Fazem roda e cantam):

Dona Patinha é "miss"
Dona Marreca está feliz.
Tão orgulhosa foi, mas ninguém diz.
E a Patinha casou com quem quis.

} Bis
Com o Coelho

A moral desta história
É que da vida o grande bem
Não é riqueza, nem poder, nem glória
É o amor que se tem de alguém.

Vamos nos despedir
Pois é hora de partir.
Vamos sentir saudades tôda vez (Bis
Em que pensarmos em todos vocês.)

F I M

Esta peça só poderá ser apresentada em espetáculo de qualquer natureza, seja por que processo fôr, mediante autorização prévia da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS, que representa o autor, na forma da lei.